

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO



HISTÓRIA

A FORMAÇÃO DO HOMEM MODERNO E CONTEMPORÂNEO

COM PROF. GUILHERME ALMEIDA



BRASIL
PARALELO

CURSO

“A FORMAÇÃO DO HOMEM MODERNO E CONTEMPORÂNEO”

COM PROFESSOR GUILHERME ALMEIDA

SINOPSE

O foco deste curso é desenvolver a percepção do que somos, nossas certezas, valores e olhares como sendo resultado de um turbilhão de acontecimentos iniciados no mundo europeu pós-Divina Comédia.

Neste curso abordaremos os contextos históricos ocidentais que forjaram o chamado “novo homem” racional, a citar dois e suas subdivisões:

- O Renascimento como sendo a última etapa do medievo: análise da tentativa da vitória da razão em detrimento à religião (teocentrismo);

- O homem como centro da sociedade na definição de Protágoras, em todas as suas esferas sociais: política (Absolutismo); econômica (Mercantilismo); científica (Heliocentrismo); religiosa (Reforma e Contra-Reforma) e artística (Humanismo).

O intuito é dar um pontapé inicial para aqueles que ainda não compreendem com profundidade relações históricas mais complexas. É uma espécie de introdução mesmo ao estudo da Era Moderna e da formação do homem ocidental de que somos herdeiros.

BONS ESTUDOS!



**BRASIL
PARALELO**



AULA 1



UMA **HERANÇA MEDIEVAL**
E AS RUPTURAS DO PODER
DA NOBREZA E DA IGREJA

INTRODUÇÃO

Meu nome é Guilherme, sou professor de História. É um prazer estar aqui na Brasil Paralelo para apresentar esta introdução à formação do homem moderno e contemporâneo. Escolhi este tema justamente para começarmos a traçar algumas linhas de pensamento a respeito da nossa *forma mentis*, da nossa organização mental, [ou seja, o modo como pensamos] como homens, como povo e como civilização. Por isso, é fundamental essa introdução.

Quais heranças [nós] trazemos desse “novo homem”? — novo homem entre aspas justamente porque é o homem da transição do medievo para a dita modernidade —, o que desses homens do chamado Renascimento está presente em nosso dia a dia? **O que viam no espelho os antigos e o que vemos atualmente?** Quando olhamos para o espelho da história, o quanto da nossa imagem atual como civilização e formação é reflexo dos tempos antigos? Essas são questões que proponho para darmos início ao tema.

Gostaria então de partir de uma frase de Ortega y Gasset¹: **“O diagnóstico de uma existência humana — de um homem, de um povo, de uma época — deve começar identificando o sistema de suas convicções e crenças.”**

Esse grande pensador nos indica para onde devemos olhar ao analisar civilizações anteriores, ou seja, tudo que consideravam como verdadeiro (crença) e os princípios norteadores de suas vidas (convicções) são sinais indicativos de como viviam aquelas pessoas.

Um grande saber histórico é produzido muito ao serem identificadas as crenças e convicções do passado e como era o modo de vida a partir delas. Nós temos um panorama de como era a vida, o pensamento e a organização do homem medieval, imbuído de valores religiosos. Mas e

1 José Ortega y Gasset. (1883–1955), ensaísta, jornalista e ativista político espanhol, fundador da Escola de Madrid. Amplamente considerado o maior filósofo espanhol do Século XX e um dos maiores prosadores da língua espanhola. A citação encontra-se na obra *Historia como sistema* (1941), sem tradução em português.

quanto ao homem moderno? Quais são as suas crenças? São as mesmas? Se não são, as novas prevalecerão em detrimento das crenças medievais? O que se sobrepôs à perspectiva religiosa? Como foi, por exemplo, a emergência da razão no período do Renascimento? As novas crenças do homem moderno ocidental tinham como base a formação de uma nova realidade, e nessa nova realidade teriam de ser estabelecidas novas organizações, e estas por sua vez não seriam mais formadas pela instituição da Igreja; agora outra instituição humana tomará o seu lugar. E, nesse momento, inclusive, começa a haver um declínio da grande contribuição da Igreja Católica no período medieval. E quanto a nós? O que nossas crenças revelam sobre nós? Qual o diagnóstico, por exemplo, que uma civilização vai traçar daqui a duzentos anos ao nos examinar? O que nos guia? A crença no cientificismo? No ateísmo? Essa é uma reflexão muito importante sobre a formação do pensamento moderno a partir da definição de Ortega y Gasset que deve ser feita. Para abordar o tema da ruptura da herança medieval, trataremos das Cruzadas, do surgimento da burguesia, da Guerra dos Cem Anos e da famosa e famigerada Peste Negra.

AS CRUZADAS (1096-129)

No fim do século XI, Papa Urbano² convoca a Primeira Cruzada para retomar a chamada Terra Santa³.

As Cruzadas (1095-1291) mostram, no período medieval, a vontade da Igreja Católica de sair de seu domínio exclusivamente europeu e atravessar as fronteiras do Oriente (atual Oriente Médio), sobretudo a região palestina, onde se encontra a cidade de Jerusalém. A nobreza será a principal camada articulada pelo Papa para financiar a conquista de novas terras, no caso sagradas e santas, e, assim, tê-las sob o controle da Igreja. Mas há

² Papa Urbano II (1042-1099), monge beneditino da Abadia de Cluny e 159º Papa da Igreja Católica (1088-1099). Durante seu pontificado, convocou os cristãos a uma guerra contra os muçulmanos com o objetivo de reconquistar Jerusalém, dando, portanto, início à Primeira Cruzada. Morreu antes da tomada de Jerusalém.

³ A Terra Santa é uma área localizada entre o rio Jordão e o Mar Mediterrâneo (atualmente corresponde ao Estado de Israel, aos territórios palestinos, à Jordânia ocidental e a partes do sul do Líbano e do sudoeste da Síria) que abrange diversos lugares considerados santos e sagrados por judeus, cristãos e muçulmanos, sendo o principal deles a cidade de Jerusalém. A região têm sido há muito séculos destino de peregrinação.

um problema estrutural e civilizacional: quem domina aquela região é a religião islâmica, o império islâmico tem forte presença nas localidades que compõem a Terra Santa. Por esse motivo, **as Cruzadas foram expedições militares**. E tais expedições não foram **financiadas** pela Igreja Católica, mas **pela nobreza**. Guardem isto porque é um fator fundamental para entendermos a decadência do poder da nobreza. E quando digo “nobreza”, refiro-me à nobreza como instituição, e não ao poder do rei. Neste corpo chamado nobreza, o rei é a cabeça e os demais nobres são os membros superiores⁴.

Em torno desse ideário de conquista da Terra Santa, a Igreja consegue atrair muitas pessoas que acreditam de fato que devem libertar das mãos dos infiéis, gentios ou pagãos (como diz Santo Tomás de Aquino), a terra onde Cristo nasceu, viveu e padeceu. Para elas, esse ideário significava a libertação daquilo que era sua crença. Por mais que um grupo de nobres estivesse indo à Terra Santa em busca de riquezas (leia-se acumular terras, pois esta era sinônimo de riqueza durante a Idade Média), para a cristandade, participar dessas expedições ao Oriente era uma questão de defesa dos valores cristãos, os valores da sociedade ocidental. Quer vivessem na Inglaterra, Flandres ou França, eram os seus valores, os valores humanos. É por isso que um grande número de fiéis toma parte das várias expedições.

Primeira Cruzada: 1096 - 1099

Segunda Cruzada: 1147 - 1149

Terceira Cruzada: 1189 - 1192

Quarta Cruzada: 1202 - 1204

Quinta Cruzada: 1218 - 1221

Sexta Cruzada: 1228 - 1229

Sétima Cruzada: 1248 - 1254

Oitava Cruzada: 1270 - 1291

⁴ A nobreza europeia tem a sua origem nas invasões bárbaras. Homens guerreiros, que por se destacarem no esforço de defesa, foram recompensados pelo povo com terras e pela Igreja com títulos de nobreza e a unção legitimadora da sua autoridade. Por quase mil anos, essa aristocracia governou a Europa pela força das armas. Representava o poder militar de então.

Durante esses quase três séculos de Cruzadas — sete ou nove dependendo do historiador —, vemos então a nobreza e a Igreja irem à conquista desses novos domínios. Contudo, não deu certo. Na verdade, as Cruzadas foram um tiro no pé da Igreja Católica. Dentre todas, a Cruzada dos Reis (1189-1192), a terceira e mais famosa, foi a que obteve alguma vitória da cristandade sobre o islã. Os três principais reis europeus — Ricardo Coração de Leão⁵, da Inglaterra, Filipe II⁶, da França e Frederico I, o Barba Ruiva⁷, do Sacro Império Romano-Germânico — se unem para lutar contra Saladino e toda a dominação islâmica na região palestina. O resultado dos combates desse período foi um acordo entre Saladino⁸ e Ricardo, no qual os peregrinos cristãos podiam entrar em Jerusalém.



Dentro de toda essa estrutura chamada Cruzadas, temos, por exemplo, a criação de duas instituições: a Ordem dos Cavaleiros Hospitalários⁹, formada por monges que prestavam assistência aos peregrinos, e a que fazia a proteção dos deles, a famosa Ordem dos

5 Ricardo I (1157-1199), rei da Inglaterra, foi o principal comandante cristão durante a Terceira Cruzada e obteve vitórias consideráveis contra Saladino.

6 Também chamado Felipe Augusto (1165-1223), seu reinado conta entre os maiores. Eminente pela sua sabedoria, alcançou importantes vitórias militares e fortaleceu a monarquia contra o poder dos senhores feudais.

7 Frederico II (1172-1250) foi Imperador de 1215 até a sua morte. Considerado um grande homem de Estado no seu tempo, pela profundidade de sua visão política.

8 Salâh ad-Dîn Yūsuf ibn Ayyūb (1137-1193), curdo de origem, fundiu vários domínios num todo orgânico e conferiu a civilização muçulmana um sentido de unidade.

9 Na sua origem, era uma ordem de caridade dedicada a cuidar dos peregrinos e foi criada antes mesmo das Cruzadas, por Gerardo de Martigues. A transformação em ordem militar, por volta de 1120, foi obra de Raimundo de Puy, voltada à proteção do Santo Sepulcro.

Templários¹⁰, que, depois de todos os grandes serviços prestados, foram perseguidos pelo Rei Filipe IV da França e pelo Papa Clemente V e caíram na ilegalidade. Portugal foi o único lugar que os abraçou após essa perseguição.

É nesse ambiente que se inicia a decadência do poder da nobreza. A partir das Cruzadas, começam os movimentos de ruptura que levarão, posteriormente, a uma nova organização.

Neste mapa das oito Cruzadas, eu chamo a atenção para a Terceira, a Cruzada dos Reis (linhas em vermelho). Mas o que é interessante observar no mapa é todo o movimento de saída dos fiéis de vários cantos da Europa em busca da libertação da Terra Santa, com o patrocínio da nobreza. Contudo, para esta, as Cruzadas foram um tiro no pé, pois os nobres achavam que ganhariam dinheiro. Não ganharam nada e ainda voltaram enfraquecidos e cada vez mais subjugados ao poder tanto da Igreja quanto dos reis.

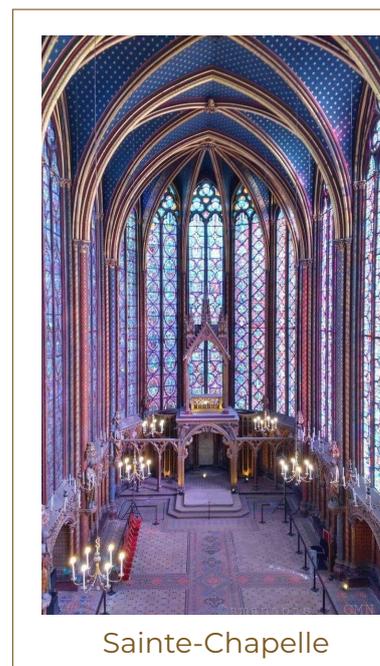


Um dos aspectos mais grotescos de todo esse episódio foi a famosa Cruzada das Crianças (ou dos Inocentes) de 1212. Há incertezas quanto à terminologia utilizada: se “crianças” porque só foram crianças ou “inocentes” referindo-se a adolescentes. Mas fato é que eles não conseguem chegar à Terra Santa. Assim que desembarcam em Alexandria, no Egito, todos são

¹⁰ Fundada por Hugo de Payens, em 1118, e sua casa central era o antigo Templo de Salomão — daí o nome cavaleiros do Templo ou templários. A Ordem era composta de capelães e cavaleiros, alguns nobres, e por servos plebeus. Este permanente exército, assim como os hospitalários, durante muito tempo esteve acima de todo o elogio, devido ao heroísmo e espírito de sacrifício, até que, em dado momento, esse monges-soldados se mostraram indisciplinados e, em diversos casos, o seu amor por dinheiro sobrepujou aos interesses da Cristandade.

presos e vendidos como escravos. Foi um ponto muito estranho dentro do movimento todo, mas que tentou surtir um efeito e não funcionou. Outra Cruzada interessante foi a empreendida por Rei Luis IX¹¹ (mais tarde canonizado como São Luis) quando vai ao Oriente. Ele consegue fazer um acordo com um dos sultões e compra as relíquias de Cristo, em especial a Coroa de Espinhos. E para ser o berço das relíquias, ele mandou construir *Sainte-Chapelle*, a grande catedral em forma de relicário.

A decoração de *Sainte-Chapelle*¹² é primorosa, toda decorada com vitrais de uma forma fantástica. Três quartos desses vitrais são passagens do Antigo e do Novo Testamento e o restante são profissões e afazeres do dia a dia. Isso é interessante porque as igrejas góticas servem como um grande livro para os fiéis, elas são como uma grande fonte de instrução. Os vitrais contam histórias, tipo as histórias em quadrinhos de hoje em dia. A nave central de *Sainte-Chapelle* foi projetada para guardar a Coroa de Espinhos, que atualmente se encontra nos tesouros de *Notre-Dame*.



OS RESULTADOS POSITIVOS DAS CRUZADAS: OS NOVOS CONHECIMENTOS

Se há um ponto central da educação no mundo ocidental, as Cruzadas foram um ponto de partida. Com a ida de um grande número de pessoas para o Oriente, novos saberes foram introduzidos no Ocidente. Este é o motivo do desenvolvimento das grandes universidades na Europa durante a Idade Média.

Novos centros de entendimento cultural, intelectual e filosófico

¹¹ Luís IX (1224-1270), neto de Filipe II, consolidou o poder monárquico já fortalecido pelo seu avô.

¹² Símbolo do reino de Luís IX, a construção dessa capela gótica, maravilhoso relicário de cristal, teve início em 1246 e, em 1248, foi finalizada.

começam a existir em grande proporção porque novas ideias e conhecimentos estão chegando à Europa. A matemática, as leituras



Bologna (1088)

astronômicas, o conhecimento da circulação sanguínea (uma contribuição de Avicena, pensador e médico islâmico) são exemplos disso. O que fazer com os novos conhecimentos? As universidades então criadas pela Igreja Católica servirão para isso. Se as Cruzadas tiveram um saldo negativo para a nobreza, para o conhecimento foi maravilhoso porque a Europa

saiu de um universo limitado e começou a incorporar novas ideias.

A universidade mais antiga da Europa é a de Bolonha, de 1088. Também surgiram as universidade de Paris (1150) — mais tarde denominada Sorbonne —, de Oxford (1167), de Cambridge (1209), de Salamanca (1218), de Pádua (1222), de Nápoles (1224), de Coimbra, entre outras. E em todos esses lugares podemos observar o desenvolvimento altamente significativo da economia.



Universidade de Paris (1150)

UMA NOVA “CAMADA” SURGE

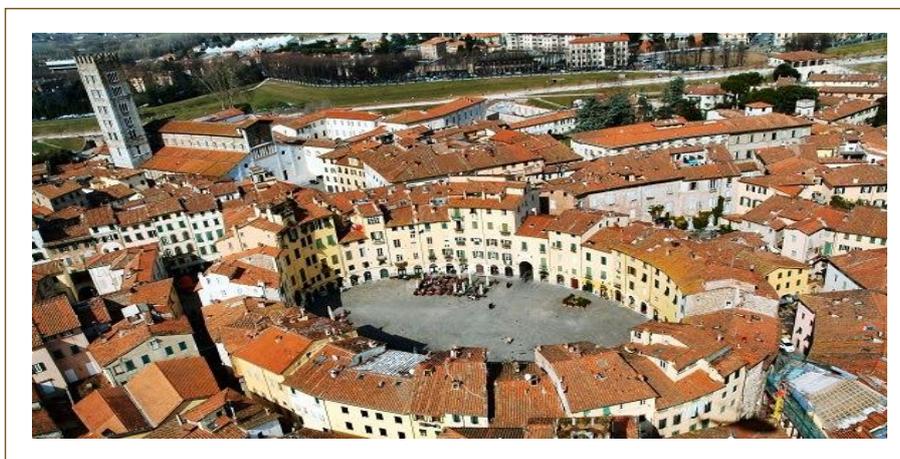
Como era organizada a vida social na Idade Média? Os *oratores*, aqueles que oravam (a Igreja), os *bellatores*, aqueles que guerreavam (os nobres) e os *laboratores*, aqueles que trabalhavam (o resto). É dentro desse meio que surge, aos poucos, uma nova camada social ou estamento¹³. É a partir de um momento muito peculiar, de uma nova invenção, que começa a despontar essa camada tímida que será chamada burguesia. O termo

¹³ Não chamamos aqui esse novo grupo social de classe social, pois não se aplica. Também não podemos nos referir como casta porque esta diz respeito a divisão social em alguns lugares do Oriente Médio e da Índia e, além disso, não há mobilidade, contrariamente a essa nova camada social.

“burguesia” vem de burgos, os locais onde aconteciam as feiras medievais em que se faziam as trocas (o escambo era a base do comércio de então). Praticamente não existia dinheiro em grande circulação nessa época, como existira no Império Romano. O dinheiro quase havia desaparecido durante a Idade Média feudal.

Durante o medievo, o comércio decaiu muito. A economia era de subsistência, à base de plantar para viver e viver para plantar. Nesse cenário, o burguês, que não era servo, nem vivia nos feudos, pegava pequenos excedentes da produção de um determinado camponês, trocava com outro e ficava com uma pequena parte desse excedente. Ou seja, ele era o intermediário do acerto de contas entre as duas partes. E com o desenvolvimento de novas técnicas agrícolas, como o arado, o comércio passa a se expandir, pois começa a aumentar o excedente de produção. E é a partir desse momento que essa nova camada começa a ganhar um poder muito grande dentro da Europa, e este poder vai chegar a tal ponto que se tornará responsável pelas políticas e pelas extremas transformações sociais decorrentes das revoluções burguesas — Revolução Inglesa, Revolução Industrial, a grande Revolução Francesa e, dependendo, a dos Estados Unidos.

Esse mapa aqui nos ajuda a entender um pouco melhor esse crescimento das cidades concomitante com o crescimento da economia e da burguesia.



Algumas grandes cidades italianas que possuíam centros medievais nos ajudam a entender como eram esses feudos. Conseguimos ver, através dessas fotos, como era a vida dos burgueses, dos nobres da Igreja e da população em geral. Na foto da cidade de Lucca, o círculo central é onde aconteciam as feiras medievais.



Cidade de Lucca

Dentro das muradas da linda cidade de Carcassonne, no sul da França, também aconteciam o comércio e a vida do dia a dia. Ali vivia o ferreiro, o padeiro etc. E no entorno desse feudo era realizada a produção agrícola. O mesmo na bela cidade italiana de Maranello, hoje sede da Ferrari.

GUERRA DOS CEM ANOS (1337-1453)

O início da decadência da nobreza e o surgimento de uma nova camada social, a burguesia, juntamente com um novo e terrível evento, a Guerra dos Cem Anos entre Inglaterra e França, alterarão profundamente a história da Europa¹⁴. Nessa disputa dinástica entre Inglaterra e França vence a França.

Felipe de Valois (França)

Eduardo III (Inglaterra)

- O Primeiro Período (1337 – 1364)
- Segundo Período (1364 – 1380)
- Terceiro Período (1380 – 1422)
- Quarto Período (1422 – 1453)

¹⁴ Convencionalmente chama-se de Guerra dos Cem Anos, contudo este conflito ocorreu em quatro períodos distintos, que somados dão 116 anos, durante os quais cinco gerações dos monarcas da Casa de Plantageneta (Inglaterra) e da Casa de Valois (França) lutaram pelo trono francês, o maior reino da Europa Ocidental.

NOVAS E VELHAS CONEXÕES

Em função do grande fluxo de pessoas durante as Cruzadas, novas rotas comerciais foram sendo estabelecidas na Europa.

No norte [atual Alemanha], surge a grande Liga Hanseática que passa por Flandres [atual Bélgica e Holanda]. Há uma grande movimentação econômica. Nas repúblicas italianas também começam a reaparecer o comércio, que, durante o Império Romano era intenso e, na Idade Média, esmoreceu. Marco Polo (que se tornará Ministro das Relações Exteriores de Kublai Khan, neto de Gengis Khan), por exemplo, leva para a Itália algumas invenções chinesas — a mais maravilhosa delas o macarrão que os italianos dão o toque com o molho. E é nesse cenário que vemos o ressurgimento das cidades e do comércio. Por isso que, em História, esse período é chamado “Renascimento Urbano e Comercial”.

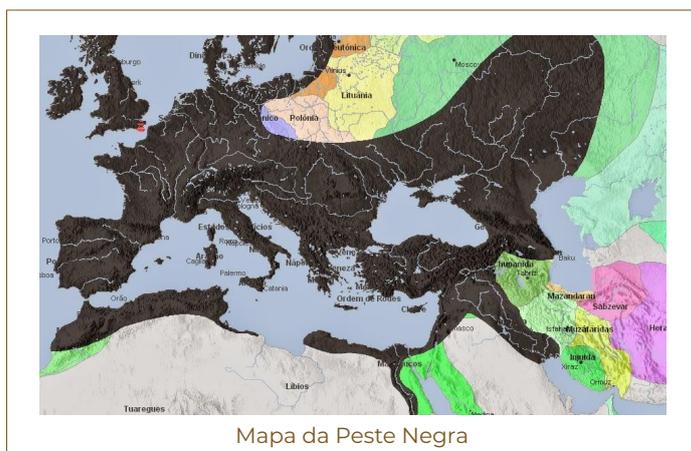
A PESTE NEGRA

Contudo, tudo tem dois lados: a maravilha das mercadorias, do comércio, do dinheiro entrando na Europa, vem infectada por aquilo que virá a ser também um dos fatores de diminuição do poder da Igreja Católica: terrível Peste Negra.

Embora não haja consenso quanto ao número de mortos, ancore-me na historiografia mais usual que estima que um terço da Europa pereceu durante a peste. No mapa, a mancha preta é a Peste Negra. Só em Florença, por exemplo, morreram 4/5 da população e apenas 20% dos florentinos sobreviveram.

De onde vem a peste? E por que ela tem relação com o comércio?

As grandes mercadorias, as mais visadas pela Europa [sedas e especiarias],



Mapa da Peste Negra

vinham de partes do Oriente e principalmente da Ásia. As caravanas terrestres (como ilustradas no mapa) convergiam todas para a cidade de Constantinopla, atual Istambul. Quando essas mercadorias entravam na Europa, traziam também os ratos infectados com pulgas que carregam a bactéria causadora da peste bubônica, comumente chamada de peste negra. Ou seja, a maravilha do comércio vinha com uma maldição: os produtos asiáticos chegavam acompanhados de ratos infectados, que espalham a doença pela Europa inteira.

Alguns calculam que existiam de cinco a seis ratos por pessoa. Somado a isso, as condições de higiene de cidades como Lucca, Maranello e Siena, eram as piores possíveis. Não havia recolhimento de lixo, nem canais de esgoto como no Império Romano. Na Idade Média, a vida nos feudos era terrivelmente insalubre. Algumas pessoas jogavam os restos de comida e fezes pela janela, criando um ambiente extremamente propício para a proliferação da peste.

Em alguns quadros retratando esse período da Grande Peste, aparecem homens de máscaras com bico de aves e lentes sobre os olhos. Eram os médicos. Eles examinavam o doente com uma vara e o bico da máscara continha ervas aromáticas para que não se sentisse o cheiro da pele putrefata dos muitos corpos espalhados pelas ruas das cidades europeias.

No mapa ao lado, podemos observar a propagação da doença a partir de 1346 até alcançar sua amplitude máxima em 1353. Ou seja, sete anos depois. É muito pouco tempo para contaminar e perecer um terço da Europa.

Desse episódio, o que interessa é o fortalecimento da



1346 1347 1348 1349 1350 1351 1352 1353
Propagação da Peste

monarquia absoluta, do rei absoluto¹⁷. Isto é decorrente de dois fatores: o enfraquecimento do poder da nobreza por causa das cruzadas e o enfraquecimento do poder da Igreja por causa da peste negra. E por que esta pandemia enfraquece um pouco mais o poder da Igreja? Porque ela imputava à doença um castigo de Deus aos infiéis, aos pagãos e aos hereges, mas ao mesmo tempo muitos bispos, arcebispos, cardeais, padres, párocos, freis estavam sendo infectados. Considerando a mentalidade da época, isso levantou então a seguinte questão: será que a Igreja Católica então não está cheia de pecados?

Para encerrar, deixo um alerta: nas análises históricas é preciso cuidado com o anacronismo. Anacronismo é sempre o maldito erro de analisar fatos históricos passados com as visões e os valores atuais. Deve haver sempre uma vontade, uma tentativa de isenção na análise dos acontecimentos históricos. Portanto, tente ser o mais isento possível nessas análises, tenha em conta que as situações requeriam aquelas medidas naquele dado momento. Com os nossos valores [ideias e conceitos] atuais, não conseguimos enxergar com clareza movimentos históricos passados.

¹⁷ Este assunto será tratado nas aulas subsequentes.

AULA 2



RENASCIMENTO, UM
CONCEITO

INTRODUÇÃO

Dando continuidade ao curso “*A Formação do Homem Moderno e Contemporâneo: uma introdução*”, temos aqui um segundo momento em que trabalharemos basicamente o conceito de “Renascimento”.

Aos homens dessa época dou o nome de “Filhos de Protágoras”, pois é de Protágoras¹⁸ a máxima cunhada na Grécia Clássica: **“O homem é a medida de todas as coisas”**. Essa é a frase que todos os grandes renascentistas praticamente tatuaram no corpo, porque a partir desse momento o homem se torna de fato a medida de todas as coisas. Isso é muito interessante, porque passamos a ver o homem sendo a medida em várias áreas da sociedade.

Para aprofundar-se nos estudos sobre o Renascimento, vale a pena começar devagar, com a leitura agradável de uma obra central. Refiro-me ao livro *O Renascimento*¹⁹, do grande intelectual Paul Johnson. Veja o que diz o autor: **“O renascimento é a última fase do medievalismo, ele foi a obra de indivíduos, do individualismo.”** Que Paul Johnson está querendo dizer com isso? Que, para ele, a Idade Média não acabou e começou o Renascimento, nem o Renascimento foi a negação total da Idade Média, ele foi uma transição.

O Renascimento compreende os séculos XIV, XV, XVI, e um pedaço do XVII. Há, nesse período, grandes movimentos que se manifestam não apenas nas artes, mas também em vários outros saberes. Por isso, a frase de Protágoras é maravilhosa: “O homem é a medida de todas as coisas.”. Nesses séculos, veremos que de fato essa máxima se manifestará na política, na economia, na sociedade, na cultura, na religiosidade e também nas ciências.

O coletivismo medieval começa então a dar lugar ao individualismo

¹⁸ Protágoras (c.485 a.C.-c.411 a.C.) foi um pensador “sofista” grego. Os Sofistas eram pensadores que, na Grécia Antiga, viajavam de cidade em cidade realizando discursos públicos para atrair estudantes, de quem cobravam taxas para oferecer-lhes educação. A frase completa é: “O homem é a medida de todas as coisas: das coisas que são, enquanto são; das coisas que não são, enquanto não são.”

¹⁹ O livro *O Renascimento*, do escritor inglês Paul Johnson, foi lançado no Brasil pela Editora Objetiva, hoje pertencente ao Grupo Companhia das Letras. Apesar de estar fora de catálogo, é possível encontrá-lo na Estante Virtual: <https://bit.ly/34BDtSH>

renascentista. Por exemplo, as universidades começam a, de certa forma, perder alguns de seus estudantes, pois estes estão agora em busca de mestres. Leonardo da Vinci²⁰, por exemplo, não estudou em nenhuma escola, ele era membro do atelier de Verrocchio²¹. Seja, portanto, nas áreas de artes, política ou letras, os renascentistas estão à procura de mestres, ou seja, de um indivíduo; logo, a razão passa a ser algo mais desejado do que a fé.

Alguns historiadores atribuem o início do Renascimento à obra *Comedia* (ou *Commedia*), de Dante Alighieri²², a qual de certa forma é chamada “erradamente” de *A Divina Comédia*²³. Dante se inspirará no poeta Virgílio²⁴ que, assim como Beatrice, outra personagem da obra, será um dentre os guias que o conduzirá numa jornada através do inferno, purgatório e paraíso²⁵. Por que isso é interessante? Porque o termo *Renascimento* significa “renascer algo”, e na primeira aula eu disse que houve um “*renascimento urbano e comercial*”: *renascimento urbano*, porque na Idade Média a vida era no campo; *renascimento comercial*, porque o comércio estava enfraquecido.

Por que *Renascimento*? Porque, durante o período do Império Romano, as cidades e o comércio eram florescentes; agora, na Idade Média, estão declinantes. Esse é um momento de ressurgimento e, na literatura, Dante, ao fazer de Virgílio um dos seus personagens principais e guia, está *retomando, renascendo* um poeta latino. Então, a ideia do Renascimento

20 Leonardo di ser Piero da Vinci (1452-1519), pintor, engenheiro, cientista, dentre outras especialidades, foi um polímata (pessoa que domina várias áreas do conhecimento) italiano e uma das figuras mais importantes da Alta Renascença. O professor Guilherme Almeida nos lembra que a edição brasileira do livro *O Renascimento*, de Paul Johnson, apresenta na capa parte das obras *Mona Lisa* e *Homem Vitruviano*, ambas de Leonardo da Vinci.

21 Andrea di Michele di Francesco di Cione (1435-1488), conhecido como Andrea del Verrocchio, foi um escultor, ourives e pintor florentino. Além de Leonardo da Vinci, também foram seus alunos Botticelli, Perugino e Ghirlandajo.

22 Dante Alighieri (1265-1321), escritor, poeta e político florentino, é considerado o primeiro e maior poeta da língua italiana.

23 A primeira edição original de *A Divina Comédia* foi lançada em 1321 e era chamada simplesmente *Comedia*. O adjetivo “divina” apareceu pela primeira vez no *Trattatello in Laude di Dante*, de Giovanni Boccaccio (1313-1375), este um poeta e crítico literário italiano, especializado na obra de Dante. O termo divina comédia, porém, só se tornou comum a partir de 1555, quando Ludovico Dolce assume no título de sua edição da obra o atributo “divina” que fora dado por Boccaccio. No prefácio da tradução brasileira de *A Divina Comédia*, lançado pela Editora 34, o professor Carmelo Distante chama a atenção do leitor para essa importante sutileza histórica já no primeiro parágrafo.

24 Públio Virgílio Maro (70 a.C.-19 a.C.), poeta romano clássico, autor de três grandes obras da literatura latina: *Éclogas* (ou *Bucólicas*), *Geórgicas* e *Eneida*.

25 *A Divina Comédia* é uma obra cujas questões internas vão permear todo o ideário renascentista.

é de revivescência dos padrões clássicos greco-romanos. É por isso que a figura humana, em todos os seus aspectos, será usada e abusada durante esses séculos.

É sempre bom lembrar:

a) da **negação dos valores medievais**, de que alguns renascentistas acusavam o período medieval de “obscurantismo”. Mas — cuidado! — os renascentistas não chamam a Idade Média de “período das trevas”; quem a qualificará assim é o Iluminismo²⁶, um movimento cultural que se desenvolve séculos depois;

b) da **valorização do indivíduo**, do humanismo, do anticlericalismo e do deísmo. Quanto a essa última característica, observo que os renascentistas não eram ateus, eram deístas, que é diferente de teístas. Teístas todas as religiões são; deístas são aqueles que separam a vida do homem com a organização de Deus. Para estes, era como se Deus fosse um grande arquiteto, um grande geômetra, um relojoeiro que cuida de todo o mecanismo do mundo natural e de todo o universo, enquanto o homem cuida do seu dia a dia. Ou seja, houve a substituição do teocentrismo (Deus como centro de tudo) pelo antropocentrismo (o homem como centro de tudo). Enquanto na Idade Média Deus era o eixo em torno do qual giravam todas as coisas, no Renascimento essa posição será atribuída ao homem.

O HUMANISMO

Quando usamos o termo *humanismo* — que vem de “homem” —, significa que o homem é tido como padrão das obras artísticas clássicas. Nesse sentido, o humanismo renascentista está vinculado ao modelo corpóreo humano para a produção das obras de arte, sejam elas esculturas ou pinturas.

Grandes nomes do período renascentista encontram-se no livro

²⁶ O Iluminismo foi um movimento cultural, sobretudo intelectual e filosófico, que dominou o mundo das ideias na Europa nos séculos XVII e XVIII. Esse tema será tratado na quarta aula deste curso.

*Vidas dos Artistas*²⁷, de Giorgio Vasari. Vale a pena ler para conhecer extraordinários artistas como Botticelli²⁸, Giotto²⁹, Frangelico³⁰ e Cimabue³¹, dentre outros.



A primavera, Botticelli

Botticelli é um grande pintor que, no fim do século XV, realiza sua grande obra, o magnífico painel *A Primavera*. Do ponto de vista estético, há *n* erros, como por exemplo os pés que não têm uma proporção, nem uma configuração fixa. Essa e outras obras renascentistas estão na Uffizi³², a

grande galeria de Florença.

Outra obra maravilhosa de Botticelli é *O Nascimento de Vênus*, na qual vemos a tensão entre o sagrado e o profano. Nas grandes obras medievais, há um predomínio da representação do sagrado, do ideário sacro; e a partir do Renascimento, o profano passa a ser retratado. Mas, cuidado, profano não significa algo podre ou sujo, e sim algo humano. Esse equilíbrio entre o sagrado e o humano chamamos de profano.



O Nascimento de Vênus, Botticelli

Os padrões das pinturas agora vão respeitar os padrões corpóreos.

27 Giorgio Vasari (1511-1574) foi um pintor, arquiteto e autor dos relatos biográficos dos mais célebres pintores renascentistas italianos. *Vidas dos Artistas* é tida com a obra inaugural da história da arte, cuja leitura é indispensável para quem quer conhecer a arte do Renascimento italiano e seus protagonistas.

28 Sandro Botticelli (1445-1510) foi um pintor italiano e, assim como Leonardo da Vinci, aluno de Verrocchio. As duas obras aqui mencionadas foram realizadas sob encomenda para ornar a residência dos Médici, poderosa dinastia política da época.

29 Giotto di Bondone (1267-1337), pintor e escultor italiano, discípulo de Cimabue, introduziu diversas inovações na pintura, dentre elas a perspectiva, sendo por isso considerado o precursor da pintura renascentista.

30 Giovanni da Fiesole (1395-1455), mais conhecido como Fra Angelico, é um dos pintores italianos mais importantes da época do Gótico Tardio. Foi beatificado pela Igreja Católica e declarado o Padroeiro Universal dos Artistas.

31 Cenni di Petro Cimabue (c.1240-1302), pintor florentino e mosaicista, foi o último grande pintor italiano a seguir a tradição bizantina. Muito conhecido por ter descoberto Giotto.

32 Le Gallerie degli Uffizi. As obras dos pintores citados podem ser vistas no site da galeria: <https://www.uffizi.it/>

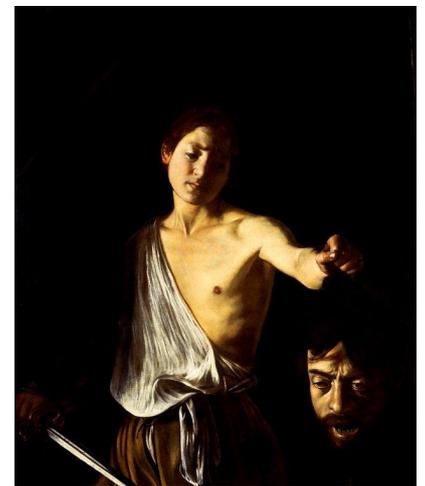


A Anunciação, Leonardo da Vinci

Um exemplo é o quadro *A Anunciação* de Leonardo da Vinci — também presente na galeria Uffizi —, no qual podemos observar a proporção humana na Virgem Maria e no Arcanjo Gabriel. Olhando para as feições do

arcanjo, não conseguimos identificar se trata-se de uma moça ou de um rapaz. Por quê? Porque os anjos não têm sexo. É por isso que, durante o período renascentista, os anjos sempre são representados de uma forma aparentemente andrógina, de maneira que às vezes parece homem, às vezes parece mulher. Podemos notar também que sai de cena a representação apenas iconográfica da Idade Média e o padrão do sacro agora também é profano; ou seja, será o homem o modelo da pintura renascentista.

Nessa transição do Renascimento para outra fase da pintura³³ e da realidade histórica, temos o magnífico Caravaggio³⁴, que introduzirá vigorosamente o profano nos elementos estéticos da obra de arte. No maravilhoso quadro *Davi com a Cabeça de Golias*, o pintor se retrata como Davi jovem e como o próprio Golias velho. Na análise dessas obras de arte, cabem estudos psicológicos, principalmente das de Caravaggio, que era intenso, perturbado, até certo ponto. O jogo de luz e sombra feito por ele diz muito desse momento histórico que marca o fim do Renascimento. Eu apresentei essa obra justamente



Davi com a Cabeça do Golias, Caravaggio

³³ Associada ao movimento cultural barroco, a pintura barroca abrange grandes variedades de estilos. Em suas manifestações mais típicas, caracteriza-se pela riqueza, intensidade e dramaticidade das cores, acentuado contraste de claro e escuro e realismo. Ao contrário da arte renascentista, a arte barroca foi concebida para evocar emoção e paixão, e os artistas retratavam em suas obras o momento exato de uma ação (como o Davi de Bernini no ato de atirar a pedra em Golias). Entre os maiores pintores desse período estão Velásquez, Caravaggio, Rembrandt, Rubens, Vermeer e Poussin.

³⁴ Michelangelo Merisi (1571-1610), conhecido como Caravaggio, foi um dos mais notórios pintores italianos. Os temas de suas obras são fundamentalmente religiosos e, para representar as personagens bíblicas, ele utilizou modelos humanos, retratando-os com grande realismo. Seu trabalho exerceu grande influência no estilo barroco, do qual foi um dos principais representantes.

para mostrar — de novo — um padrão estético do homem.



Capela Sistina, Michelangelo

Obviamente, a Igreja Católica ainda tem poder e chancelará quase 100%, das obras artísticas. Por exemplo, o teto da Capela Sistina concebido por Michelangelo³⁵ foi um trabalho feito a pedido do Papa Júlio II.

Vemos nesse afresco a ideia deísta:

de um lado, Deus simbolizando a fé, e, de outro, o homem, representando as ideias racionais. Observando a obra com atenção, vemos o braço esquerdo do homem relaxado e seu dedo indicador quase tocando o dedo de Deus, que está com a mão e o braço todo esticado, tentando encostar no homem. Notem a mão do homem, mole e sem vontade de querer tocar a mão de Deus. Deus está fazendo um esforço para tocá-lo, e o homem está enfraquecido, letárgico, jogado, nu. Há quem diga que Deus está dentro de um cérebro cortado lateralmente. Será que Deus está dentro da cabeça dos homens? Será que Michelangelo quer evocar isso nos homens? Será que o divino está dentro de nós e, portanto, não precisamos estar na igreja ou no templo? Precisaríamos de umas doze aulas para analisar essa imagem e todo o contexto em que ela se insere. De qualquer forma, também aqui, mais uma vez, encontra-se o homem como padrão e centro de toda essa criação.

O HELIOCENTRISMO: REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

E são os homens também que farão os grandes movimentos da revolução nas ciências. Copérnico³⁶, com o seu modelo das esferas

³⁵ Michelangelo Buonarroti (1475-1564) foi um pintor, escultor, arquiteto e poeta italiano, considerado um dos maiores criadores da história da arte do ocidente.

³⁶ Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo e matemático polonês, também clérigo da Igreja Católica, desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar. A publicação de seu livro *Sobre as Revoluções das Esferas Celestes*, no qual trata desse modelo cosmológico, desencadeou a Revolução Copérnica e contribuiu significativamente para a Revolução Científica.

concêntricas, mostra que não é a Terra o centro do universo (geocentrismo), mas sim o Sol (heliocentrismo); e, posteriormente, verificaremos que não é concêntrico, porque o universo é muito maior do que o modelo de Copérnico. Mas o fato é que sua teoria conflita com a concepção cosmológica geocêntrica adotada e defendida pela Igreja. Anos depois, as descobertas feitas por Galileo Galilei³⁷, com o uso da luneta, após realizar melhorias nesse instrumento, contribuíram na defesa do heliocentrismo. Tal defesa rendeu-lhe um julgamento na Inquisição, a qual o condenou à prisão perpétua. Porém, graças à intervenção de seu padrinho, Papa Urbano VIII, a pena foi convertida em prisão domiciliar, onde passou o resto de seus dias, sustentado pela Igreja Católica.

AS INVENÇÕES HUMANAS AJUDARAM A MOLDAR O HOMEM MODERNO

A genialidade humana — e isso me pega em muitos momentos, quando estudo a história — é o que muitas vezes faz as rupturas históricas.

“Os homens criam as ferramentas e as ferramentas recriam os homens.”

A frase acima é atribuída a Marshall McLuhan³⁸, um grande estudioso da comunicação que escreveu na década de 1960 um livro chamado *O Meio é a Mensagem*, no qual ele por exemplo faz uma pergunta: “Uma arma é boa ou ruim?”. Nem boa e nem ruim; o que é bom ou ruim é a mão que a empunha.

Marshall McLuhan não conheceu a internet, mas conheceu a televisão, e falava que tal invenção iria aproximar os cantos mais distantes da Terra e transformar a grande civilização mundial numa “aldeia global”, termo cunhado por ele. Esse cara é fenomenal! Essa frase sintetiza vários

³⁷ Galileo Galilei (1564-1642), físico, astrônomo e engenheiro italiano, chamado de “pai da astronomia observacional”, “pai da física moderna”, “pai da ciência moderna” e “pai do método científico”. Além de diversos estudos físico-matemáticos (aceleração e velocidade, gravidade de queda livre, princípio da relatividade, inércia e outros), inventou o termoscópio e várias bússolas militares.

³⁸ Marshall McLuhan (1911-1980), educador, filósofo e teórico da comunicação canadense, conhecido por vislumbrar a internet quase trinta anos antes dela ser inventada.

momentos históricos, e é uma das minhas prediletas: **“Os homens criam as ferramentas e as ferramentas recriam os homens.”**

Os padrões de novas técnicas farão com que mais para a frente essas novas técnicas criem novos homens. Por exemplo, a burguesia não existia; eles inventaram o arado, o arado aumentou a produção, e disto surgiu o excedente de produção. Que acontece então? Surge uma nova camada. E por aí vai.

Vejamos agora quatro grandes invenções da humanidade:

1) a bússola;

2) o relógio mecânico (até então o que existia era outros tipos de relógio e de ferramentas para navegação, como o sextante e a pedra do sol que os vikings utilizavam);

3) a grandiosa invenção, prensa de Guttenberg;

4) a pólvora.

Quais são os impactos dessas invenções? Por exemplo, elimina-se o risco de, no caso de estar o tempo nublado, você não conseguir enxergar com a pedra do sol, ou o risco de, não tendo em mãos uma bússola, você parar em um lugar onde não quer.

A bússola o leva aonde você quer. E quem estará se utilizando da bússola? Essa nova configuração europeia que está aprendendo a lidar com o mar. Por que digo isso? Porque a Idade Média, cronologicamente, acaba em 1453, quando um bando de enlouquecidos, chamados turcos otomanos³⁹, invadem Constantinopla, atual Istambul, e ali colocam uma barreira. Eles estavam cobrando taxas altíssimas para as trocas comerciais, que eram aquelas caravanas. Atenção: Constantinopla, atual Istambul, lugar onde entravam os ratos infectados durante a “Peste Negra⁴⁰”.

³⁹ Historicamente, *turco* é a denominação de povos originários do centro asiático. Os otomanos surgiram de um clã seminômade turco que teria migrado da Pérsia para o oeste e se estabelecido em uma região próxima ao território bizantino. Sabe-se que, sob o comando de seu líder, Osman I, fundador da dinastia, esses turcos ficaram conhecidos como otomanos. Foram eles que acabaram com o Império Bizantino em 1453, com a conquista de Constantinopla, por Maomé II, também conhecido como Maomé, o Conquistador. De um pequeno principado, os otomanos se tornaram um dos maiores e mais longos impérios da história: o Império Otomano (c.1299-1922).

⁴⁰ Sobre a Peste Negra, ver a primeira aula desse curso, na qual se tratou desse tema.

A Europa, então, necessitando dessas especiarias, necessitando manter um comércio vivo com o Oriente e, principalmente, com a Ásia, começa a se lançar ao mar. Portugal, que já estava navegando pelos oceanos em 1415, quando sai da sua “tripinha” de terra e invade Ceuta, no Marrocos, começa a conquistar e fazer entrepostos comerciais em todo o litoral oeste da África, com a chamada *navegação de cabotagem*⁴¹. Graças a isso, eles conseguem fazer a passagem pelo antigo Cabo das Tormentas, na África do Sul, local onde morria muita gente e que hoje tem o nome de Cabo da Boa Esperança. É preferível, realmente, navegar num mar chamado Cabo da Boa Esperança do que num mar chamado Cabo das Tormentas.

Vasco da Gama contorna o Cabo das Tormentas e chega então à Índia. Lá os portugueses estabelecem comunicação principalmente com as cidades de Calicute e Goa. O Brasil é filho desse empreendimento de busca de especiarias, de obtenção de novas terras para a extração de novas matérias-primas. Quando os portugueses veem aqui uma terra repleta de Pau Brasil⁴², o qual era extremamente cobiçado para uso na construção principalmente de naus⁴³ e caravelas⁴⁴, e depois veem, a partir de 1534, que o solo era fértil para a produção de cana, por exemplo, eles devem ter batido palmas com os pés, de tanta alegria.

Também, graças à bússola — uma invenção chinesa —, torna-se possível saber onde exatamente está o Brasil, a África, a China e a Índia; e isso faz com que o comércio seja cada vez mais valorizado. E quem são os responsáveis pelo crescimento comercial que se dá a partir de então? Não é o Rei, não é a nobreza, e muito menos a Igreja; é a burguesia, aquela camada nascente na Idade Média. É a burguesia a responsável por todo o movimento das chamadas grandes navegações. A burguesia está acumulando poder e dinheiro, e é por isso que vai fazer as revoluções.

Quanto à invenção da pólvora, que era muito boa também para o

41 Navegação que se faz entre portos marítimos, sem perder a terra de vista.

42 Árvore nativa da Mata Atlântica brasileira.

43 Nau é a denominação genérica dada a navios de grande porte, com capacidade para 200 pessoas, até o século XV usados em viagens de grande percurso.

44 Tipo de embarcação usada pelos portugueses à época dos descobrimentos, nos séculos XV e XVI.

comércio, os burgueses extrapolam o seu uso. Eles colocam, por exemplo, flechas dentro de um cano de bambu cheio de pólvora, acendem e a flecha vai mais rápido, matando mais pessoas. Segue-se a isso a criação dos primeiros revólveres e armas de tiro, de chumbo.

A conquista de novas terras, de novas localidades, passa a ser muito mais fácil, porque agora eles não estão com espadas nas mãos, lutando contra indígenas, povos autóctones ou outros povos, que também têm espadas e lanças nas mãos. Agora, à distância ele mata, à distância ele domina; a bússola os coloca no lugar certo e a pólvora faz com que eles dominem os lugares certos.

Internamente, na sociedade, a invenção do relógio mecânico é fundamental para que, tanto a Igreja quanto os reis, comecem a organizar o dia a dia da população. Com uma badalada, as pessoas vão para o campo ou para o trabalho; com duas badaladas, para o almoço; com três badaladas, para outra atividade; às seis da tarde, hora da Ave Maria, tocam-se quinze badaladas etc. A invenção do relógio faz com que a vida a partir de então seja toda programada por quem programa o relógio: a Igreja e os reis. É por isso que os relógios antigos mecânicos estão nas torres das Igrejas.

Para concluir, temos a prensa de Gutenberg, que revoluciona os saberes. O primeiro livro impresso é a Bíblia, a famosa Bíblia de Gutenberg, no século XV. Os conhecimentos a partir de então não são mais registrados de forma manuscrita, como faziam os monges copistas; agora, com a produção mecânica os livros são mais baratos e acessíveis. Antes, na Idade Média, por exemplo, os livros eram caríssimos. O surgimento da prensa facilita a aquisição de conhecimento por parte de um grande contingente populacional. Mas — cuidado! — não é que a invenção da prensa fez com que o povo imediatamente saísse correndo e desesperado para aprender a ler e a escrever porque havia agora mais livros em suas mãos; ainda levaria um tempo para que essa população aprendesse a ler e, principalmente, a escrever, pois não era necessário naquele momento. No entanto, as pessoas

eram ávidas por entender a palavra de Deus escrita por ela mesma; e é por isso que a **prensa de Gutenberg está intimamente ligada**, por exemplo, **ao desenvolvimento do protestantismo de Lutero**⁴⁵, que vai conseguir disponibilizar a Bíblia traduzida para a língua local em grande parte da Europa.

Como disse antes, brevemente, as Grandes Navegações⁴⁶ e o mercantilismo⁴⁷ provocarão de forma absurda um acúmulo financeiro nas mãos dos reis e da burguesia. O rei cria a prática financeira chamada mercantilismo, mas dá para a burguesia o controle de tudo; o rei cria, mas é a burguesia que orchestra.

Poucas coisas se salvam na teoria marxista, mas esta frase de Marx é interessante: **“Toda transformação histórica possui nela mesma o germe da sua destruição futura”**. Vejam só que interessante: os reis absolutos criam o mercantilismo, e quem coloca o mercantilismo em prática é a burguesia; com esse comércio, esse mercantilismo cada vez mais forte, os reis estão ricos, mas a burguesia também está; e essa mesma burguesia, alguns séculos depois, jogará por terra o poder desses reis absolutos que criaram o mercantilismo. Então faz muito sentido, por exemplo, essa frase do Marx nesse momento.

Temos, portanto, um novo movimento na economia do mundo. Se, na Idade Média, sinônimo de riqueza era a quantidade de terra que o sujeito tinha — se fosse um rei, tinha um reino; se fosse um príncipe, tinha um principado; se fosse um duque, tinha um ducado; um conde tinha um condado; e um barão tinha um baronato —, agora sua **base econômica será o acúmulo de metais e pedras preciosas, chamado de metalismo**. A base econômica não será mais a quantidade de terra adquirida, mas o

45 A Reforma Protestante foi um movimento reformista cristão do século XVI liderado por Martinho Lutero, monge agostiniano e professor de teologia alemão. A publicação de suas 95 teses em outubro de 1517 faz duras críticas à Igreja e evolui para uma proposta de reforma no catolicismo romano.

46 É a designação dada ao período da história que decorreu entre o século XV e o início do século XVII, durante o qual, inicialmente portugueses, depois espanhóis e, posteriormente, alguns países europeus exploraram intensivamente o globo terrestre em busca de novas rotas de comércio.

47 Mercantilismo é um conjunto de práticas econômicas desenvolvido na Europa entre o século XV e o final do século XVIII.

acúmulo de produtos preciosos que têm um valor em si mesmo — o ouro não depende de nada para ser valioso, ele é valioso por si mesmo. Então, burguesia e reis querem ter nas mãos esses produtos.

A primeira regra do mercantilismo é esta: nós podemos ir para as colônias e para os rincões do mundo, desde que seja para **fazer comércio e acumular metais preciosos**. O ouro, a prata e as pedras preciosas serão então guardadas num cofre ou baú dentro do palácio. Não é à toa que as igrejas, principalmente as de Portugal, que é a grande potência mercantil desse período, enchem de ouro seus interiores. Essa era uma forma de acumular aquele ouro. Nos palácios, a mesma coisa: banha-se de ouro um monte de coisas, porque se houver algum problema é só pegar esse ouro, derretê-lo e vendê-lo.

Segunda regra: **balança comercial favorável**, ou seja, sempre exportar mais e importar menos, que é o **protecionismo**. É disso, por exemplo, que o Brasil é filho; nós somos frutos desse mercantilismo, desse pacto colonial, no qual a metrópole manda e a colônia obedece; nós, colônia, obedecemos à metrópole portuguesa. Todo esse movimento mercantil de grandes navegações dentro da Europa repercute dentro do Brasil.

Será a burguesia, portanto, que conduzirá o movimento para o surgimento do mercantilismo, que será um dos temas da próxima aula.



AULA 3



O ABSOLUTISMO, A
SOCIEDADE DE CORTE E A
REFORMA: BASES PARA O
“NOVO MUNDO”

INTRODUÇÃO

Hoje discorreremos sobre o absolutismo, a sociedade de corte que tem um aspecto bem interessante que daqui a pouco veremos, desse novo mundo criado. Então, o que vamos ver? As bases do absolutismo, Reforma e Contrarreforma e novos padrões de comportamento da corte.

O ABSOLUTISMO: “AO REI FOI DADO O REINO”, OU A INVERSÃO MEDIEVAL

Quando pensamos em absolutismo, normalmente o que vem à nossa mente é Luís XIV, o Rei Sol, que proferiu a famosa frase “*L’état c’est moi*” (o Estado sou eu, a França sou eu). Foi o maior monarca absoluto da Europa no século XVII, e um dos que reinou por mais tempo. Essa imagem retrata todo o seu esplendor, e cada detalhe da obra é altamente significativo. O manto azul e branco de arminho, um animal extremamente raro, a flor-de-lis, o cetro na mão direita significando a



Luís XIV

Justiça, a espada, a coluna atrás dele remetendo aos grandes impérios grego e, principalmente, romano, tudo isso tem um significado. Nessa outra meio estrambólica, ele está vestido de Sol, porque é conhecido como o Rei Sol, ao redor do qual tudo gravita.



Luís XIV

Essa ideia de o homem ser o centro de tudo é uma das bases do movimento renascentista que, inspirado na máxima de Protágoras de que “O homem é a medida de todas as coisas”, torna o homem a medida de todas as coisas para fazer a economia, as artes, a Revolução Científica. Já não é uma instituição que detém a iniciativa, é o homem: Galileu⁴⁸ e

48 Galileu Galilei (1564-1642) foi um físico, matemático, astrônomo e filósofo florentino.

Copérnico⁴⁹ nas ciências, Botticelli⁵⁰, Leonardo da Vinci⁵¹ e Michelangelo⁵² nas artes, os reis na política. O poder agora não é mais da Igreja, de uma instituição, **agora o poder está centralizado numa pessoa**: nos monarcas absolutos. Há várias maneiras de nos referirmos ao absolutismo: monarquia absoluta, *ancien régime* (antigo regime), Estados Nacionais, Estado-nação, Nacionalismo de Estado, e podemos utilizar todas elas para entendermos essa forma de governo. O termo é de fato absolutismo, porque o rei tem poderes totais. Na Idade Média, por exemplo, cada senhor feudal tinha um exército; agora, nos Estados modernos absolutistas, só há um exército: o exército do rei. Tanto é assim que, quando o grande Max Weber analisa a forma de domínio do Estado moderno, ele o define como “**aquele que detém o monopólio do uso da força ou da violência**”, ou seja, força policial, força de exército, forças armadas. Isso passa a pertencer ao Estado, não é mais de particulares como na Idade Média. Agora o Estado é um grande ente que comanda toda a sociedade.

ALGUNS TEÓRICOS DO ABSOLUTISMO

Existem vários pensadores do absolutismo, mas elenco quatro porque representam quatro diferentes teorias que são importantes termos em mente quando tratarmos de absolutismo.

O primeiro, sem dúvida, é Maquiavel, ele é o ponto de partida dos escritos sobre política no Renascimento. Em sua obra magnânima da ciência política, chamada *O Príncipe*, ele inaugura a disciplina de Ciência Política moderna. Ele a dedica ao grande comandante de Firenze chamado Lorenzo de Médici⁵³, mas Maquiavel se inspira no filho do Papa Alexandre

49 Nicolau Copérnico (1473-1543) foi um astrônomo, matemático, cônego da Igreja Católica, governador, administrador, jurista, astrônomo e médico.

50 Alessandro di Mariano di Vanni Filipepi, ou Sandro Botticelli (1445-1510) foi um importante pintor italiano do período que viveu.

51 Leonardo di Ser Piero da Vinci, ou Leonardo da Vinci (1452-1519) foi um polímata que se destacou como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico.

52 Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475-1564) foi um importante pintor, escultor, poeta e arquiteto italiano.

53 Lorenzo de Médici (1449-1492) foi um estadista italiano, soberano da República Florentina durante o Renascimento italiano e, também, diplomata, patrono de acadêmicos, poetas e artistas.

VI⁵⁴, César Bórgia⁵⁵, que foi um dos homens mais violentos daquele período, para escrever um manual que dissecava como deve ser o príncipe, o governante. É conhecida aquele trecho “melhor ser temido do que amado”, porque o temor mantém o súdito afastado. Há aquela outra famosa frase “Os fins justificam os meios”, porque não interessa nada que o governante faça, desde que ele mantenha o poder e obtenha ainda mais. Ele tem de ser forte como um leão e esperto como a raposa. Isso é um caso típico de uma obra renascentista que é dedicada ao grande Lorenzo de Médici, que era um mecenas. Lembrem-se de que mecenas é o termo utilizado para patrocinadores das artes. Maquiavel então é patrocinado pela família Médici e um novo campo teórico que trata o poder centralizado.

Outro maravilhoso, Jean Bodin⁵⁶, que nos seus escritos cria uma expressão muito utilizado quando estudamos absolutismo: teoria do direito divino do rei ou do governante. Quando vemos as **ideias absolutistas** sendo trabalhadas, estamos vendo uma **teoria que afirma que o monarca é o representante de Deus na Terra**, pois ao rei foi dado o reino para que comandasse e criasse harmonia entre os seus súditos. É da cabeça do monarca que saem as leis e a religiosidade. E é isso que Jacques Bossuet⁵⁷, o continuador desse pensamento do direito divino do rei, traz quando diz “um rei, uma fé e uma lei”, um rei, a fé da sociedade é a fé do rei e a lei da sociedade é a lei que sai da cabeça do rei. Gravem bem esse símbolo de que o monarca é a cabeça e o resto da sociedade são seus membros, que é ilustrado, por exemplo, quando o Rei Carlos I⁵⁸ na Revolução Inglesa, perde a cabeça, ou o Rei Luís XVI⁵⁹ é guilhotinado. Isso manifesta a ideia de separar a cabeça, que é o rei, do resto do corpo, que não quer mais essa cabeça absoluta governando.

54 Papa Alexandre VI (1431-1503) foi o 214º papa da Igreja Católica de 11 de agosto de 1492 até a data da sua morte.

55 César Bórgia (1475-1507) foi um príncipe, cardeal e nobre italiano da Renascença Europeia.

56 Jean Bodin (1530-1596) foi um teórico político, jurista francês, membro do Parlamento de Paris e professor de Direito em Toulouse.

57 Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704) foi bispo e teólogo francês, um dos principais teóricos do absolutismo por direito divino.

58 Carlos I (1600-1649) foi rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda desde 1625 sua execução. Por ter se casado com uma católica, gerou antipatia dos grupos reformistas puritanos e calvinistas que o viam como excessivamente católico.

59 Luís XVI (1754-1793). Foi rei da França e Navarra de 1774 até ser deposto em 1792 durante a Revolução Francesa.

Esses autores justificam, então, os fundamentos filosóficos desse absolutismo, desse poder soberano do rei na sociedade, esse poder soberano que Thomas Hobbes na sua obra *O Leviatã* considerará como um poder importante para dar organização ao caos que é a sociedade. O Leviatã é um grande monstro que manipula o meio social. Então essa manipulação é importante pelo fato de que a sociedade é caótica porque ela é formada por homens e os homens são anárquicos por natureza, logo a sociedade será anárquica e caótica e é necessário um poder central para colocar ordem nesse caos. O homem é o lobo do próprio homem, o homem quer matar o outro homem e pegar todas as suas conquistas. Segundo Hobbes, só um governo poderoso e centralizado organiza esse estado caótico natural do homem.

Hobbes, Maquiavel e, há muito mais tempo, Tucídides⁶⁰, têm a ideia desse homem sendo mau e anárquico por natureza. Essas ideias realistas da Ciência Política, assim chamada nas teorias das Relações Internacionais, irá ser, por exemplo, combatida por Rousseau no Iluminismo dizendo que: “O homem é bom por natureza, mas a sociedade o corrompe”. Não vamos adentrar aqui nos problemas intrínsecos da questão, elas estão aqui expostas para vermos como estavam condizentes com essa realidade efervescente e borbulhante das grandes navegações, das invenções, das artes e da Igreja sendo encostada na parede.

AS FISSURAS NA IGREJA

E por que a Igreja é encostada na parede? A Igreja sofre um primeiro impacto no ano de 1056 quando acontece o famoso Cisma do Oriente, quando começa a existir a Igreja Católica Romana Ocidental e a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa.

Em 1378 a Igreja Católica sofre um outro golpe, é o famoso Grande

60 Tucídides (aproximadamente 460 a.C até 400 a.C) foi o historiador grego da Grécia Antiga responsável pela obra *A História do Peloponeso*, guerra da qual foi testemunha e participante.

Cisma do Ocidente⁶¹, no qual, por certo tempo, o papado estava sediado na cidade de Avignon, na França. Isso acontece no período do conflito chamado Guerra dos Cem Anos⁶², no qual há um papado em Roma, e começa a surgir papas, chamados de antipapas, em Pisa e Avignon.

A Igreja começa então a sofrer um abalo no seu poder com esses dois cismas, acontece a Peste Negra e, quando acaba a Guerra dos Cem Anos, começa a ter no horizonte reis com poderes que antes não tinham, os quais colocam cada vez mais a Igreja para baixo, mas esses são problemas externos. Agora existem problemas internos que causam fissuras dentro da Igreja Católica. Nessa maravilhosa imagem do Vaticano, dessa cúpula aí desenhada durante o Renascimento. Nós temos a mão de Michelangelo, de Bramante⁶³, de Bernini⁶⁴, os grandes estão ali a serviço da Igreja. Lembra-se de que eu falei dos mecenas? A Igreja torna-se um grande mecenas, uma grande financiadora das artes e, justamente também, para ter influência sobre o processo.

Essa vista de cima é maravilhosa, nós vemos a Praça de São Pedro e a Igreja como um todo. Internamente nós começamos a ver, por exemplo, o baldaquino que é uma obra de Bernini, todo em mármore. A grande Capela Sistina cujo teto decorado foi pintado à exaustão por Michelangelo e as laterais



Vista da Praça São Pedro

61 Em 1309 o Rei Felipe IV, o Belo, força o Papa Clemente V (1264-1314) a residir em Avignon. Esta situação perdura até 1377, quando o Papa Gregório XI (1329 ou 1331-1378) volta para Roma, onde restabeleceu a Santa Sé e veio a falecer. Foi sucedido pelo Papa Urbano VI (1318-1389) que se recusou a restaurar a sede pontifical em Avignon. Descontentes com a situação, treze membros do Colégio dos Cardeais faz uma nova eleição em Fondi e escolhem Roberto de Genebra (1342-1394), reconhecido mais tarde como Antipapa Clemente VII, que assumiu residência em Avignon. Em 1409 a situação se agrava e outro concílio reúne-se em Pisa que nomeia o Arcebispo Petros Filargis (1340-1410), conhecido como Antipapa Alexandre V, e declara os demais como depostos. A situação começa a ser resolvida apenas em 1414 no Concílio de Constança. Em 1415 o Concílio depôs o Antipapa Bento XIII, sucessor de Clemente VII, e João XIII, sucessor de Alexandre V.

62 A Guerra dos Cem Anos foi uma série de conflitos travados, de 1337 à 1453, entre a Casa Plantageneta, governantes do Reino da Inglaterra, e a Casa de Valois, governantes do Reino da França, que lutaram pela sucessão do trono francês.

63 Donato di Angelo del Pasciuccio, conhecido como o Bramante (1444-1514), foi um arquiteto e pintor renascentista.

64 Gian Lorenzo Bernini (1598-1680) foi um eminente artista do barroco italiano, distinguindo-se como escultor e arquiteto apesar de também ser pintor, desenhista, cenógrafo e criador de espetáculos de pirotecnia.



Baldaqino, Bernini



Afrescos



Capela Sistina

e os outros afrescos, pintados por Botticelli e Rafael Sanzio⁶⁵. Lembra que isso aqui é afresco e, quando você entra na Capela Sistina, você tem a nítida impressão de que as imagens estão descoladas da parede, parecem tridimensionais, por causa de uma técnica chamada de afresco, uma técnica muito utilizada naquele momento, enquanto o reboco da parede está fresco, o pintor vem e começa a desenhar, a tinta vai entrando nas camadas desse reboco. O teto Michelangelo pintou deitado, as tintas caíram muito nos olhos dele, ele ficou alguns dias até cego.

Nós temos aqui uma mescla de conteúdos simbólicos e religiosos do Velho e do Novo Testamento misturada com a genialidade de Michelangelo para contar passagens da Bíblia. Veja, a arte nunca chegou nesse patamar aqui, a arte nunca esteve tão desenvolvida. E por quê? Porque um novo material de pintura entra. Lembre-se da frase atribuída a McLuhan “Os homens criam as ferramentas e as ferramentas recriam os homens”. Os homens dos Países Baixos criaram a tinta óleo, a tinta a óleo recriou o padrão de pintura. Qual é a principal característica da tinta a óleo? É o fato de ela demorar para secar, dependendo do clima, duas, três semanas para secar completamente, é por isso que eles conseguem pintar e repintar com tinta óleo. Isso permite aquela impressão de movimento e de volume tão grandiosa, justamente no momento em que temos uma efervescência cultural que muda a posição de homem no universo. É por isso que quando

65 Raffaello Sanzio da Urbino (1483-1520) foi um importante pintor e arquiteto do Renascimento.

olhamos para Deus ou Cristo retratado nas pinturas por Michelangelo, vemos um homem, mas nota-se que é Cristo porque possui uma auréola, ou está flutuando, ou seja, há elementos pictóricos que apontam para a sua sacralidade, mas é um homem retratado. Novamente, o homem sendo a medida.

De onde vem essas fissuras internas da Igreja Católica? Na nossa bibliografia eu coloquei o livro da Bárbara W. Tuchman, chamado *A Marcha da Insensatez*, um livro maravilhoso, ela pega pesado na caneta, principalmente nesse capítulo em que fala sobre os ditos seis papas do Renascimento. **Ela atribui essas fissuras a estes seis papas.** Com exceção do Alexandre VI, que era espanhol, todos esses papas são italianos.



Papa Sisto IV

Nós temos o início com **Sisto IV** porque ele manda construir a Capela Sistina, por isso que ela se chama Sistina, ele manda construir aquele lugar no qual é feito o conclave, onde são escolhidos os papas, onde temos o *habemus papam* quando sai a fumaça branca. Esse Papa também vai ser responsável por um período bastante agressivo da Inquisição, não porque a Igreja Católica o quisesse, mas porque o Papa Sisto IV cria uma Bula e destina a Inquisição aos reis católicos, especialmente, os reis de Espanha. Então é interessante, e é uma quebra

de paradigma nesse momento, analisarmos o seguinte: **a Inquisição que começa na Idade Média tem, nesse período do Renascimento no Século XV, seu período mais agressivo**, justamente quando os reis passam a comandá-la e não mais a Igreja, e foi o Papa Sisto IV que delegou o poder aos reis para movimentar a Inquisição. Há uma grande confusão, há pessoas que falam que a Igreja Católica mandou milhares para a fogueira, sendo hereges ou não, mas é bom sempre colocar um ponto de interrogação. Lembrando que o período mais violento da Inquisição estava sendo comandado pelos reis, não só da Espanha, mas de outros lugares também.

O segundo, **Papa Inocência VIII**, começa também a financiar muitas produções culturais, mas é, para nós brasileiros, o Papa Alexandre VI que terá muita importância. Esse teve dois filhos e vários outros, segundo dizem, mas os dois principais que entram para a história, aquele que eu citei, o César Bórgia, que Maquiavel se inspira para escrever a obra *O Príncipe*, e Lucrecia Bórgia, que casou com homens riquíssimos, principalmente o grande herdeiro dos Sforza de Milão.



Papa Inocência VIII

Alexandre VI é o papa que firmará o famoso Tratado de Tordesilhas, que

dividirá o mundo em duas partes, de um lado Portugal, de outro Espanha: A 370 léguas à leste da ilha de Cabo Verde passará uma linha imaginária, tudo que estiver a oeste é da Espanha, tudo que estiver à leste, de Portugal. É nesse momento que Portugal vem para tomar posse do nosso território cortado pelo Tratado de Tordesilhas feito por estes reis católicos, mas articulado pelo Papa Alexandre VI, que beneficiará Portugal, Espanha e reinos



Papa Alexandre VI

italianos — a Itália não existe nessa época, ela e a Alemanha só são criadas por volta de 1871, você só tem reinos nessas localidades. Ele beneficia esses três lugares, mas e França, Prússia, Áustria, Rússia e Inglaterra são beneficiados? Não, eles são obrigados a continuar católicos e pagar soldos para a Igreja, sem nenhum benefício em troca. Tanto é que o rei francês desta época, Francisco I, fala a famosa frase: “Eu queria ver o testamento de Adão onde ele diz que a França não tem participação nenhuma no Novo Mundo”.

Então vem **Júlio II**, um papa que abre os cofres para financiar principalmente Michelangelo. Se o Papa Sisto IV mandou construir a Capela Sistina, é Júlio II que manda Michelangelo decorá-la. O mausoléu de Júlio II na



Papa Júlio II

Igreja de Santa Maria em Roma foi feita por Michelangelo, nele está situada a famosa escultura de Moisés com os dois chifres — os chifres significavam várias questões, santidade, inteligência, e não coisas demoníacas. Há um livro de Freud interessante, *O Moisés de Michelangelo*. É um livro fino que é uma delícia de ler no qual ele faz uma análise da obra, é muito bacana.

A família de burgueses mais importante da Itália, e diria até da



Papa Leão X

Europa, são os Médici, a grande família dona, praticamente, de Firenze, banqueiros, comerciantes, enfim, burgueses da mais alta estirpe. Tanto é que há descendentes da família Médici que foram rainhas como Catarina de Médici⁶⁶, e a Maria de Médici⁶⁷. Essa família tem um imenso poder dentro da Europa, eles criam dois papas: **Leão X**⁶⁸ e **Clemente VII**⁶⁹.

O que é interessante é que, dentro do meio desses papas, a indiferença perante o dogma católico é

patente, por exemplo, acontece a chamada

venda das indulgências e simonias, ou seja, a Igreja nessa época torna-se um grande balcão de negócios.

Se você tivesse um parente que fosse bispo, você estaria muito bem arrumado. É por isso que muitas famílias ricas comprarão cargos de bispo, arcebispo e cardeal dentro da Igreja, porque surge disso a possibilidade de fazer comércio, ter novas terras e ter mais poder.



Papa Clemente VII

Então, contra isso, surge o grande monge Savonarola de dentro da Igreja Católica, que sai de Roma e vai viver em Firenze. Ele exortará sobre as fogueiras das vaidades, advertirá que a Igreja Católica está imbuída de vaidade e, então, queimará inúmeras obras de arte, consideradas heréticas,

66 Catarina Maria Romola di Médici (1519-1589) foi uma nobre italiana que se tornou rainha consorte da França de 1547 até 1559, como esposa do Rei Henrique II.

67 Maria de Médici (1575-1642) foi a segunda esposa do Rei Henrique IV e rainha consorte da França de 1600 até 1610, além de regente durante a menoridade de seu filho Luís XIII entre 1610 e 1614.

68 Leão X, nascido João de Lourenço de Médici (1475-1521), foi papa de 1513 até a sua morte e, é importante destacar, foi o último não sacerdote a ser eleito Papa.

69 Clemente VII, nascido Roberto de Genebra (1342-1394) foi um antipapa sediado em Avignon durante o período conhecido como Grande Cisma do Ocidente.



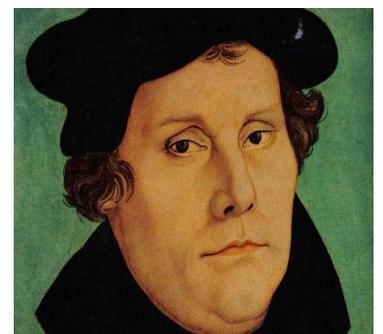
Atividade Mística, Botticelli

como fonte de ambição, luxúria, os sete pecados capitais praticamente presentes nessas obras. Isso é tão significativo naquele momento que ele consegue influenciar alguns artistas, principalmente um dos principais artistas do momento, Botticelli. Botticelli produz estes dois quadros considerados pagãos porque são sobre temas mitológicos, como *A Primavera*, no qual aparecem os cupidos, as ninfas, e há um outro, *O Nascimento de Vênus*. O pintor se converterá às ideias de Savonarola e aí, na sua última fase de vida, por exemplo, ele pintará esse quadro que é

fantástico, *Atividade Mística*, nesta época ele está totalmente convertido às ideias do monge revoltoso, está negando o seu passado entre milhões de aspas, “pagão”. Nesse momento, começa a eclodir outras vozes pela Europa contra a Igreja Católica. Isso não quer dizer que durante a história não houvesse objeções contra ela, por exemplo o bispo Ário criou uma heresia dentro da Igreja Católica na qual ele pregava que a natureza de Cristo era apenas humana, ou o Monofisismo no qual afirmava-se que natureza de Cristo era apenas divina, ou, ainda, os iconoclastas.

Aparecem, então, Lutero, Calvino⁷⁰ e Henrique VIII⁷¹, esses três vão provocar uma profunda modificação no status religioso. Lembrem-se “O homem é a medida de todas as coisas”.

Começando com Lutero. Em 1517 ele era um padre na Alemanha atual, que fixou na catedral de Wittenberg as 95 teses de como deveria ser agora um novo cristianismo, uma nova ideia religiosa, ele



Martinho Lutero

⁷⁰ João Calvino (1509-1564) teve muita influência durante a Reforma Protestante. Chama-se Calvinismo a forma de protestantismo que ele ensinou, apesar de ter repudiado este nome. Essa variante de protestantismo foi bem sucedida na Suíça, Países Baixos, África do Sul, Inglaterra, Escócia e Estados Unidos.

⁷¹ Henrique VIII (1491-1547) foi o Rei da Inglaterra de 1509 até a sua morte. É conhecido como o fundador da Igreja Anglicana.

luta contra a venda de indulgências, as simonias. Assim ele cria uma nova identidade religiosa, que vai ser o luteranismo. Calvino segue um caminho parecido.

Agora, façamos um exercício: por que esses, que criam uma nova identidade religiosa, terão apoio de um pedaço grande da população? Lembrem, os papas estão beneficiando Portugal, Espanha e os reinos italianos, então o protestantismo começa a ecoar fortemente em outros lugares, principalmente nas regiões da Suíça, da Alemanha atual, uns pedacinhos da França, mas essa não é a resposta central, a resposta central é: a burguesia, que se inicia na Idade Média e vem se desenvolvendo, visa o lucro — quanto mais, melhor — mas lucro exagerado é combatido dentro da Igreja Católica, que falava sobre o preço justo. Então vem as ideias de Lutero falando que **“não interessa o que você faz, desde que você tenha fé em Jesus Cristo, você vai ser salvo”**. A burguesia logo conclui que pode ter os lucros que quiser, uma vez que, mantida a fé em Cristo, pode fazer o que quiser. Se você fizer obras boas, lógico que vai ser bom para os protestantes e os evangélicos, porque você aumenta o seu galardão no céu, agora fazer obras boas não é garantia de salvação, o que garante salvação é a sua fé em Nosso Senhor Jesus Cristo.

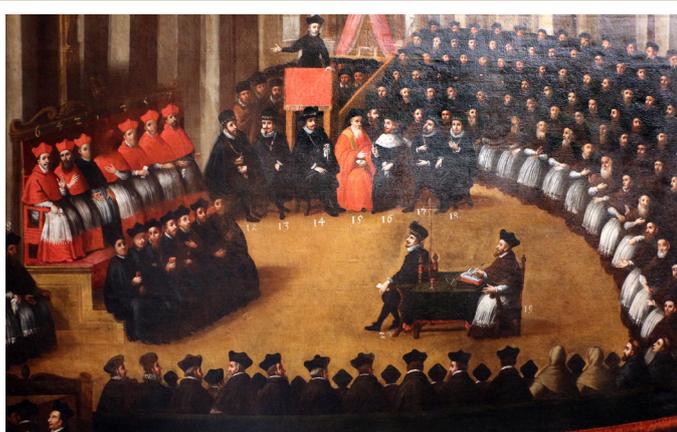
Nesse mapa, o que está em amarelo é a área onde protestantismo luterano está começando a se expandir, e em azul a área onde o protestantismo calvinista avança, em ambas as áreas a burguesia está cada vez mais forte.



Se vocês quiserem se aprofundar, Max Weber escreve um livro, que é provavelmente a sua obra-prima, chamado *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, na qual ele defenderá que o capitalismo se desenvolve nas localidades onde o protestantismo era a religião oficial.

Contra essa perda de fiéis dentro da Europa, a Igreja Católica vai se organizar no chamado Concílio de Trento, que durou cerca de 18 anos. E o que eles fizeram ali? É a arrumação da vida, da casa da Igreja Católica, eles

têm de arrumar a casa dentro da Europa, para isso convocam Lutero a comparecer na Dieta de Worms⁷², mas Lutero não volta atrás nas suas ideias, ele é excomungado, e a Igreja Católica está perdendo cada vez mais terreno, porque a realidade econômica agora é o mercantilismo, é acúmulo de metais, não é mais



Concílio de Trento

terra, então será difícil a Igreja Católica reverter essa situação. Nesse meio

⁷² Dieta é um tipo de assembleia deliberativa do Sacro Império Romano Germânico, da qual destaca-se a Dieta de Worms que aconteceu em 1521 na cidade de Worms.

tempo, o Brasil está deixando de estar no período pré-colonial e entrando no período de colônia de Portugal. Relatos e mais relatos de povos autóctones, os indígenas, surgem, então a Igreja Católica pega a criação de Santo Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus, e a transforma na ponta de lança para o surgimento de novos cristãos no chamado Novo Mundo. É por isso que juntamente com a colonização do Brasil, vem a Companhia de Jesus, Manuel da Nóbrega⁷³, Padre Anchieta⁷⁴, para fazer as Missões jesuíticas, catequizar os índios e transformá-los em cristãos.

Toda essa movimentação que a Igreja Católica cria nunca é para ter impacto momentâneo, é sempre pensando muito à frente e, tendo isso em mente, é possível inferir que deu muito certo essa catequização do Novo Mundo, porque a América Latina é hoje o centro de grandes países católicos, o Brasil é o país com o maior número de católicos do mundo. Por mais que durante 200 ou 300 anos a Europa estivesse dividida e o protestantismo se proliferando, a América Latina virou centro da Igreja Católica.

A ETIQUETA

Nessa época, também vai ter o início de uma coisa que vai ser um símbolo da corte: a etiqueta, que significa pequena ética. Como vocês sabem, ética, num resumo, é a convivência social, é o bem conviver, o como você deve se portar em sociedade, e está relacionada a valores também. É no Renascimento que começamos a ver a etiqueta tornando-se um novo padrão da corte europeia para se diferenciar, obviamente, do povo e da burguesia.

Então, a etiqueta começa a entrar na corte como um símbolo de *finesse*. Uma invenção, por exemplo, foi o guardanapo de pano criado por Leonardo da Vinci. Antes da invenção do guardanapo, os nobres

⁷³ Manuel da Nóbrega (1517-1570) foi um importante sacerdote jesuítas que foi chefe da primeira missão jesuítica à América.

⁷⁴ José de Anchieta (1534-1597) foi um importante padre jesuíta muito conhecido pelos sermões que proferiu.

limpavam-se usando a manga da roupa, um pedaço da saia, ou um pedaço da roupa do seu amigo. Leonardo da Vinci cria o guardanapo porque está vivendo no Palácio Sforzesco em Milão sobre o governo de Ludovico Sforza⁷⁵, um homem riquíssimo, e nota a selvageria que eram os banquetes na corte. **Como os renascentistas queriam um padrão diferente daqueles que havia na Idade Média, eles criam um padrão de etiqueta** muito



Ludovico Sforza

além do guardanapo, por exemplo, Leonardo da Vinci começa as suas sugestões assim: “hábitos impróprios de que um convidado para a mesa de meu amo” - o amo é o Ludovico Sforza - “deve abster-se, sendo a lista que se segue, baseada nas observações que fiz daqueles que tomaram assento junto do meu senhor durante o ano que passou”. Ou seja, ele vê aquele bando de nobres e burgueses à mesa do senhor dele comendo como se fossem uns doidos e continua: “Você deve sair à mesa para não urinar nem vomitar na mesa. Você não deve limpar a sua faca na roupa do seu vizinho”. Eles só dispunham desse talher e comiam com as mãos. “Não deve limpar à mesa as suas armas. Não deve retirar comida da mesa colocando na bolsa ou na bota.” Colocavam a comida na bota para fazer um lanchinho mais tarde. “Não deve dar beliscadelas ou palmadas no vizinho. Não deve meter o dedo no nariz ou no ouvido durante a conversa.

Não deve fazer proposta obscena aos pagens do meu amo. Não deve agredir um serviçal, ao menos que seja uma defesa própria”. Antes desse padrão de etiqueta, como era sentar-se à mesa num banquete real? Devia ser algo surreal.

A etiqueta ganhará grande destaque, especialmente no ducado da Borgonha, porque a nobreza quer se distanciar cada vez mais da



Jardins de Versalhes

⁷⁵ Ludovico Sforza (1452-1508), também conhecido como Ludovico, o Mouro, foi um mecenas e protetor de Leonardo da Vinci e também o responsável por lhe encomendar *A Última Ceia*, entre outras obras.

burguesia. A burguesia pode ser mais rica, mas ela não é nobre. Madame Campan escreve um manual de etiqueta também inspirado na corte de Luís XIV, inclusive, ela cuidou dos filhos da Josefina, esposa de Napoleão. É na corte do Rei Sol, *l'état se moi*, que haverá esse ritual de realeza na sociedade europeia e Versalhes, o palácio criado por ele, vai ser copiado na Europa inteira. Todo mundo quer participar da corte de Luís XIV com as suas roupas de ouro, os seus sapatos de seda — ele tinha uma coleção de sapatos diferenciados — e, para diferenciar mais ainda, ele expande as construções daquilo que viria a ser o palácio de Versalhes. Olhem Versalhes e seus jardins, um verdadeiro palácio, vejam o Salão dos Espelhos. Surge, inclusive, Colbert⁷⁶, que inaugura o Colbertismo, uma forma mercantil de enriquecer a França vendendo praticamente só produtos de luxo.



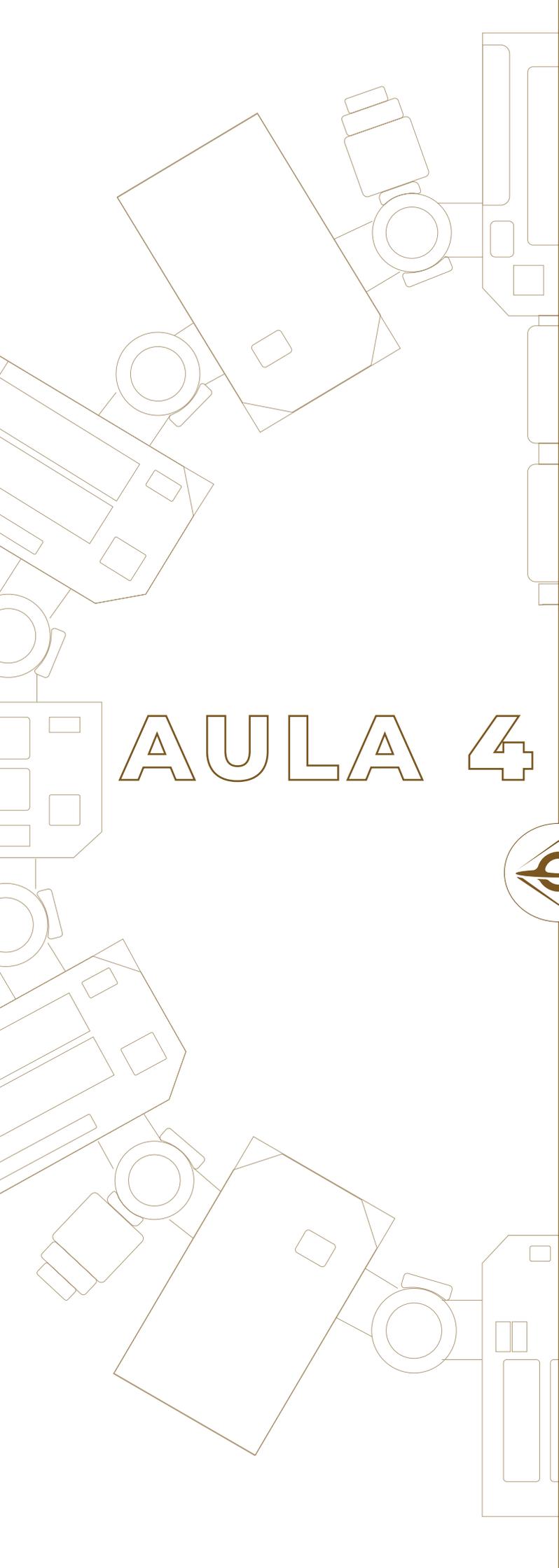
Maria Antonieta

A mulher de Luís XVI, Maria Antonieta, vai herdar todo esse padrão de etiqueta juntamente com o seu marido, de Luís XIV, o seu ancestral. Ela era famosa pelos gastos com luxo, com roupas, com penteados de cabelo, com a *pâtisserie*. Então, isso tudo vira um padrão de diferenciação simbólica dos reis absolutos, da corte dos reis absolutos, em comparação à burguesia e a negação a esse poder que a burguesia cada vez mais está tendo.

Na nossa bibliografia também tem indicação de um livro de Norbert chamado *A Sociedade de Corte*, e ali ele dissecava bem essa identidade. Há outro livro dele também importante, *O Processo Civilizador*, mas, entre os dois, escolham *A Sociedade de Corte* para entender esse período aqui em que tudo vira luxo.

Para vocês terem uma ideia, vai chegar o momento da vida de Luís XIV, que uma pequena sinfonia é tocada para ele despertar do seu sono real, e aí um grupo de nobres na hora que ele abre os olhos bate palmas para ele, “olha, o rei despertou do seu sono real”. O rei que é chamado Rei Sol.

⁷⁶ Jean-Baptiste Colbert (1619-1683) foi ministro de estado e da economia do Rei Luís XIV.



AULA 4



AS ALTERAÇÕES NO
PODER POLÍTICO E NO
PENSAMENTO

INTRODUÇÃO

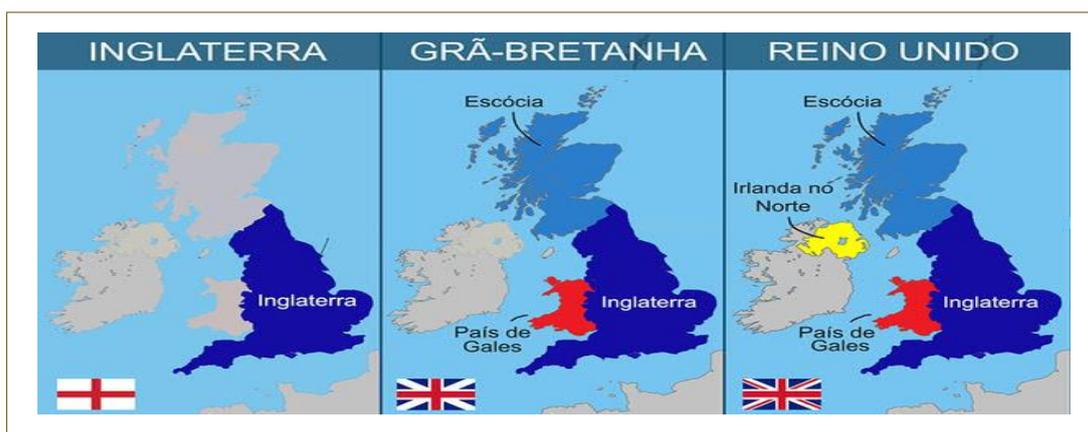
Chegamos à quarta e última aula do nosso minicurso sobre a formação do homem moderno e contemporâneo. No entanto, tenho um adendo a fazer. Quando falei sobre a corte de Luís XIV, deixei de indicar um filme, que é oportuno ver, chamado *Vatel – um banquete para o rei*, por Gérard Depardieu. O filme é bom para entendermos algo sobre o poder da corte de Luís XIV. Outro filme, meio bobinho, *Maria Antonieta*, mostra um pouco a vida dentro de Versalhes, já na decadência do poder de Luís XVI.

Nessa aula faremos uma breve explanação sobre as revoluções burguesas e sobre o iluminismo e suas bases. No entanto, teremos outro curso para nos aprofundarmos sobre as revoluções ditas burguesas e as bases do filho desse renascimento, o Iluminismo, em sentido mais amplo. Na aula anterior, falei sobre Lutero, Calvino e Henrique VIII. Lutero e Calvino trouxeram disposições teológicas divergentes⁷⁷ das estabelecidas pela Igreja Católica, e muitos serão os adeptos de seus pensamentos. A partir da possibilidade de romper com o catolicismo, as reformas luteranas e calvinistas e Henrique VIII causarão revoluções religiosas nos lugares onde dominarão.



⁷⁷ Martinho Lutero (1483-1546), teólogo e reformador cristão. Entre as mudanças propostas para a religião cristã, destacam-se: abolição de todos os sacramentos exceto o batismo e a eucaristia, fim do culto dos santos e da Virgem, das imagens e relíquias e abolição do celibato do clero.

Eu coloquei a imagem de suas seis esposas, pois muitos dizem que Henrique VIII expulsou a Igreja Católica dos domínios ingleses apenas por querer separar-se de Catarina de Aragão e casar-se com Ana Bolena, algo que pode ter corroborado um pouco, mas não foi o fator decisivo. A Inglaterra que conhecemos está dentro de uma área grande chamada Grã Bretanha e, atualmente, de um território um pouco maior chamado Reino Unido.



A coluna do meio mostrada na imagem apresenta a Grã Bretanha em vermelho, azul-escuro e azul um pouco mais claro. Ou seja, Inglaterra, país de Gales e Escócia compõem a Grã Bretanha.

A Igreja Católica era quem mais possuía terras durante toda a Idade Média, mas também no século XVI, período que estamos estudando. Ela tinha 1/5 de todo o território mostrado na imagem, o qual o rei queria para si. Então ele a expulsa, como forma de organização dentro da Inglaterra, mas não proíbe o catolicismo (são duas coisas diferentes) e toma os territórios pertencentes à Igreja⁷⁸.

Com isso, ele separa-se de Catarina de Aragão e casa-se com Ana Bolena, depois casou-se com outras mulheres mais vezes, pois já não estava submetido ao catolicismo e não precisava de autorização para separar-se. Ao todo, teve seis mulheres oficiais.

É importante ressaltar que tudo o que pessoas como Henrique

⁷⁸ Henrique VIII pretendia manter as instituições católicas na Inglaterra, mas queria a autoridade do papa transferida ao monarca.

VIII fazem tem um motivo para que seja articulado, pois ele tomou esse território que pertencia à Igreja não apenas para ampliar os seus domínios, mas também por outro motivo, sobre o qual falarei mais adiante. E aqui chegamos ao ponto mais importante, o qual eu quero que vocês entendam.

Para isso, eu preciso voltar ao ano de 1215 d.C, quando Rei João⁷⁹ assume o trono da Inglaterra. Rei João era irmão do grandioso Ricardo Coração de Leão, Rei da Cruzada dos Reis. Eles são filhos da grande Elionor de Aquitânea, grandiosa mulher da Idade Média, cuja história vale a pena ser conhecida. Indico um documentário chamado *She-wolves*, o qual fala de Leonor de Aquitânia, Matilde, Isabel de França e de várias personalidades históricas femininas.

Quando Ricardo Coração de Leão morre, Rei João assume. Este foi um rei muito fraco se comparado a seu irmão. Haverá pressão da Igreja, dos barões e da burguesia nascente para criar uma carta a qual limitará os poderes do rei.



A Magna Carta ou Carta Magna de 1215 fará com que o rei tenha seu poder vigiado por nobres, pela Igreja e por uma parte da burguesia. Não é possível dizer que a Magna Carta é uma constituição, mas ela é uma lei que de fato limita o poder do rei. Ela possui mais de 60 artigos, trazendo disposições sobre muitos aspectos da vida do povo inglês. Dentre esses

⁷⁹ Rei João (1166-1216), Rei da Inglaterra de 1199 até o ano de sua morte. Assinou a *Magna Carta*.

artigos, um dos mais importantes é a instituição do parlamento. A partir de então, o rei não poderá ter exército em tempos de paz; não poderá criar qualquer tipo de imposto, pois será policiado pelo parlamento.



O Palácio de Westminster faz parte de um complexo. Ao lado dele está a Abadia de Westminster. Hoje em dia ele funciona exclusivamente para fins políticos, pois só estão nele os congressistas da Inglaterra. No período medieval, o rei morava no palácio, onde uma parte era usada para fazer audiências públicas. O Parlamento é uma instituição fortíssima dentro da Inglaterra. Por isso Henrique VIII, espertamente, pega um quinto do território, distribui entre nobres e burgueses, os quais eram membros do Parlamento, para que recuassem, ficassem acalmados e ele pudesse governar de forma absoluta. Assim, **Henrique VIII usa o território tomado da Igreja como moeda de troca para obter poder**. Ele é o segundo rei da famosa Dinastia Tudor. Agora, realmente “tudo” pode; Tudor, pode. De fato, tudo pode agora, porque os Tudors, ao acalmarem o Parlamento, podem governar de forma absoluta. Henrique VIII revoluciona a ideia religiosa dentro da Inglaterra, dentro da Grã Bretanha. O catolicismo pode continuar, como de fato continuou. Também era permitido ter ideias protestantes, principalmente as calvinistas. Na Inglaterra, eram os calvinistas chamados de puritanos; na Escócia, foram chamados de Presbiterianos; na França, de Huguenotes; mas todos esses nomes se referem ao calvinismo.

Henrique VIII morre e sobe ao poder o seu filho, Eduardo VI, que tem direito à sucessão do trono por ser homem, apesar de ser mais novo que Maria I (filha de Catarina de Aragão, primeira filha de Henrique VIII) e Elizabeth I (também conhecida como Isabel I, filha de Ana Bolena). No entanto, ele morre com 15 anos.



Eduardo VI

Assume em seu lugar a conturbada Rainha Maria I, católica fervorosa⁸⁰. Lembrem-se de que a Inglaterra é anglicana, e o chefe da religião anglicana é o rei. A rainha pretende tornar a Inglaterra católica novamente — a partir

disso, começam discussões e complicações políticas no país.

Maria I tinha problemas de saúde gravíssimos — teve varíolas e seu rosto era cheio de manchas, as quais tentava disfarçar usando muita maquiagem, por isso é retratada nos quadros como uma mulher muito branca. Além disso, diziam que ela tinha câncer no fígado. Ela era casada com um dos reis mais poderosos da Europa, Felipe II, Rei da Espanha, que também será rei de Portugal, mais tarde, a partir da famosa União Ibérica, sobre a qual em outra oportunidade falarei para vocês.



Maria I

Maria I morre, quem assume o poder é a sua irmã, Rainha Elizabeth I⁸¹. Era chamada de Rainha Virgem. Há um filme legal chamado *A era de ouro*, sobre seu período. Era

considerada Rainha Virgem porque não teve herdeiros, mas dizem que ela era virgem mesmo. Olhando bem a cara dela talvez dê para entender o motivo de ela ter sido virgem. Já outros dizem que ela teve relações com Drake, que era um Corsário. Nada confirmado, são apenas comentários, mas não deixa de ser uma possibilidade – em história também há desses elementos. O reinado de Elizabeth I será muito forte. Felipe II, o seu ex-cunhado, tenta casar-se com ela depois da morte da irmã, mas não se casa,

pois Elizabeth I não aceita. Felipe II é um rei poderoso e cria a maior marinha da época,

⁸⁰ Maria I da Inglaterra (1516-1558), Rainha da Inglaterra. Queria restaurar o catolicismo na Inglaterra. Perseguiu protestantes, recebendo o apelido de Maria, a sanguinária.

⁸¹ Elizabeth I (1533-1603), Rainha da Inglaterra de 1558 até o ano de sua morte. A Inglaterra torna-se o principal centro financeiro da Europa durante seu reinado.

chamada Invencível Armada Espanhola, a qual fará disputas com Elizabeth I. Ela assume o poder em 1558 d.C. A Invencível Armada Espanhola sai da Espanha para atacar a Inglaterra. No entanto, acontecem maremotos, tsunamis, entre outras coisas, o que acaba afundando grande parte da Armada Espanhola. Por isso, obviamente, a Esquadra Inglesa ganha da Invencível Armada Espanhola, que se mostrou não tão invencível assim. Ela poderia ser invencível no *tête-à-tête*, mas, por questões climáticas, perdeu. Nesse momento, Rainha Elizabeth I começa a financiar e investir muito dinheiro na marinha. É por isso que a marinha inglesa a partir dela vai se tornar a maior e melhor marinha do mundo. Napoleão que o diga, pois ele nunca conseguiu invadir a Inglaterra por conta da grande marinha inglesa, que é descendente dessa marinha que Elizabeth I fez. Ela então vê que o mundo está extremamente rico por causa de especiarias que vêm das Índias; do pau-brasil, que vem do Brasil; e do ouro e prata, que saem das posses espanholas, dos ditos povos pré-colombianos (astecas, maias e incas). Os galeões espanhóis partiam abarrotados de ouro e prata para a Espanha. Elizabeth I começa a transformar piratas em funcionários reais. Por isso o nome é mudado de pirata para corsário. Esses corsários tinham de dar 70% de cada roubo para a coroa. Ora, se o cara é pirata, é safado, é bandido, você acha que ele vai falar que roubou uma quantidade “x” para dar 70% dela? Não, ele sempre falava que roubava menos. Apesar disso, existia uma certa vigilância da marinha real inglesa nos navios dos corsários para ver o que eles levavam. É por isso que quando os corsários roubavam os galeões no Caribe, eles pegavam um pedaço do que roubavam e enterravam naquelas milhares de ilhas que havia por ali. A lenda da ilha do tesouro perdido surge nesse momento, porque os piratas escondiam esses tesouros nessas ilhas, nas quais só eles sabiam chegar. É nesse ínterim que começa, a partir dessa grande rainha, um poder que está fora do eixo Portugal-Espanha. **Começa a florescer um poder na Inglaterra.** No entanto, essa moça morre em 1603

d.C. Como não tinha herdeiro, sobe no poder o seu primo escocês Jaime I⁸².

O SÉCULO XVII - A QUEBRA DE PARADIGMA DE PODER

Nesse ponto há o que, para mim, é um dos acontecimentos mais significativos para a história ocidental, porque **nós vamos começar a ver toda a burguesia, que estava começando a ganhar poder com mercantilismo e ganhar poder na corte de Elizabeth I e na corte dos Stuarts, se articular e começar a subir no poder**, fato que até agora não havia acontecido. Até 1640, quando começa a grande movimentação da Revolução Inglesa, nenhuma classe social, que não fosse de nobres ou membros da Igreja, jamais subiu ao poder. A Revolução Inglesa, que é filha desse momento, será uma ruptura. Nós temos os Stuarts no poder, nesse movimento chamado Revolução Inglesa, o qual começa em 1640 por muitas razões, entre elas, os desmandos do Rei Jaime I; depois, principalmente, Carlos I, seu filho, aumenta impostos e dissolve o parlamento, sucessivas vezes. Então haverá uma guerra entre exército do parlamento, comandado por puritanos, principalmente por Oliver Cromwell⁸³, e exército do rei. Em 1649 o rei é aprisionado e depois degolado em janeiro do mesmo ano.

Acaba a monarquia da Inglaterra e começa o período chamado República Inglesa ou República de Cromwell⁸⁴. Apesar do nome, de república não se teve quase nada, pois Oliver Cromwell governou durante 8 anos com mão de ferro, entre 1649 e 1658. Foi mais violento em muitos momentos do que o próprio Rei Carlos I. Ele dissolve, por exemplo, o parlamento da Inglaterra, além de centralizar o poder nele e numa câmara composta por pessoas próximas a ele. Porém, o povo não reclama, porque a economia na Inglaterra está subindo vertiginosamente. No entanto, ele mata milhares de pessoas que são contrárias ao seu governo, inclusive líderes de movimentos populares, como os niveladores e escavadores, que o apoiaram quando

82 Jaime I (1603-1625), Rei da Inglaterra, Rei da Escócia como Jaime VI. Pertencia à Casa de Stuart.

83 Oliver Cromwell (1599-1658), militar e líder político inglês. Liderou a guerra civil na Inglaterra que terminou com a execução de Carlos I.

84 A República de Cromwell durou entre 1649 e 1653.

subiu ao poder. Então ele centraliza o poder, sem se importar com os seus apoiadores. Na economia, ele cria o Ato de Navegação: proíbe navios, por exemplo, holandeses, de fazer a comunicação comercial dentro da Inglaterra. Todos os produtos ingleses só poderiam sair da Inglaterra em navios ingleses. Todos os produtos estrangeiros só poderiam entrar na Inglaterra com navios da sua origem. Ou seja, ele está enfraquecendo a Holanda e protegendo a sua marinha mercante e o seu comércio interno, o que faz com que a economia inglesa atinja ápices.

Depois de Oliver Cromwell morrer, seu herdeiro, Richard Cromwell⁸⁵, fica apenas um ano no poder. O Parlamento se restabelece e restaura a monarquia, mas com um diferencial: monarquia agora com poder talhado, com poder limitado. Esse poder limitado define até os dias atuais a ideia de monarquia parlamentar na Inglaterra desde o século XVII, na Revolução Inglesa.

Assume Carlos II⁸⁶, depois Jaime II⁸⁷, mas não dão certo, são dois reis que tentam restabelecer o absolutismo e o catolicismo. O Parlamento tira do poder Jaime II e coloca no lugar uma marionete, **Maria II⁸⁸**, filha de Jaime II, casada com **Guilherme de Orange**, da Holanda. Esses dois, em 1689, **assinam o que será o tom de toda a política e de toda a economia na Inglaterra até os dias atuais, que é a Bill of Rights**, a pensão dos direitos 1689, que, dentre várias coisas, falava com mais profundidade o que versava a Carta Magna, da qual eu já falei antes. O Parlamento pode dar o trono a quem ele desejar depois da morte do rei. O rei não pode ter exército em tempos de paz, não pode criar impostos a seu bel-prazer. É nesse momento que vemos a famosa e bela frase: **“O rei reina, mas não governa”**. Ele tem um certo poder político, mas quem tem o poder real é o Parlamento⁸⁹.

85 Richard Cromwell (1626-1712), sucessor de seu pai, Oliver Cromwell.

86 Carlos II (1630-1685), Rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda de 1600 até sua morte.

87 Jaime II (1633-1701), Rei da Inglaterra, Rei da Escócia como Jaime VII. Deposto pelo Parlamento em 1689.

88 Maria II (1662-1694), Rainha da Inglaterra, Escócia e Irlanda até sua morte. Protestante, reinou com Guilherme de Orange (1650-1702), que continuou sendo monarca após a morte de sua esposa.

89 Johannes Althusius (1557-1563), filósofo e teólogo calvinista alemão, escreveu a *Politica methodice* (1603), que defendia a soberania popular a partir da doutrina contratual. Seus argumentos foram usados contra os Stuarts e contra os partidários de Cromwell. Suas ideias foram utilizadas para alicerçar a Revolução Gloriosa, que resultou na destituição de Jaime II e no fim do absolutismo monárquico.

UM NOVO CONHECIMENTO SURGE: O ILUMINISMO, A FILOSOFIA BURGUESA.

Em 1689 é pensado um novo parâmetro intelectual, quando John Locke, o escritor, analisa todo esse movimento que a burguesia faz, todo esse movimento de ruptura. Então vemos nascer, no horizonte do pensamento, o **Iluminismo**, que é uma **base de pensamento eminentemente burguesa**. Eu também dou aulas para cursinhos para Enem e vestibulares, inclusive sobre esse tema, então se você estiver acompanhando a aula para esses



Experimento com um pássaro numa bomba de ar, Joseph Wright

fins, cuidado, pois o Iluminismo não *influenciou* a Revolução Inglesa. Mas, sim, o Iluminismo saiu da Revolução Inglesa, ele é filho da Revolução Inglesa. O Iluminismo vai teorizar outras revoluções, como a independência dos Estados Unidos, a Inconfidência Mineira, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. **O Iluminismo queria desenvolver as bases para a**

liberdade do homem, e para isso precisava formular seu pensamento, com algumas premissas iniciais.

Aparece então a famosa frase atribuída a Diderot⁹⁰ ou a D'Alembert⁹¹, cuja autoria é incerta, mas que são dois grandes teóricos do Iluminismo: "O homem só será livre quando o último rei for enforcado nas tripas do último padre." Com isso querem dizer que a liberdade civil, religiosa, econômica e política do homem só existirá quando nem a Igreja, nem o rei absoluto estiverem presentes na sociedade. É o **anticlericalismo, o antiabsolutismo**; é o livre comércio; é o fim do feudalismo. Essa é uma grande frase para a gente sintetizar uma boa parte do pensamento iluminista. Imagine: o

90 Denis Diderot (1713-1784), filósofo e escritor francês. Mais conhecido pelos seus tratados filosóficos e por seus romances.

91 Jean Le Rond D'Alembert (1717-1783), filósofo, matemático e físico francês. Escreveu o famoso *Discours préliminaire* (1750), que abre a *Encyclopédie*, uma enciclopédia fundada por D'Alembert e Diderot, em colaboração.

homem só será livre quando o último rei for enforcado nas tripas do último padre. Isso marca o pensamento iluminista, o pensamento que estará **fortemente presente na Europa no século XVIII.**

Uma das grandes obras do iluminismo é a de John Locke⁹², *Dois tratados do Governo Civil* (1690), que, por exemplo, fala sobre o direito à rebelião, o qual utilizamos hoje como direito à greve.

O Iluminismo sai da Inglaterra, mas é na França que ele vai ter a sua grande proliferação, com autores como Montesquieu⁹³, Rousseau⁹⁴, Voltaire⁹⁵, Diderot, D'Alembert (os enciclopedistas, como eram chamados). Na Alemanha, na atual Alemanha, nós temos Goethe⁹⁶ e Kant⁹⁷, principalmente. Kant tem um texto, que é quase um artigo, chamado *Notas sobre o Esclarecimento*, pois Esclarecimento ou Enciclopedismo são outros nomes para Iluminismo.

Em especial, *O Espírito das Leis*, escrito por Montesquieu, tem muito a ver com o mundo democrático republicano ocidental. Ele passou alguns meses na Inglaterra, na primeira metade do século XVIII, por volta de 1700, para estudar a estruturação política da Inglaterra. Dessa viagem ele nota a importância que possui a separação dos poderes. Na sua obra, ele contempla que os poderes devem ser separados⁹⁸. O poder absoluto é dividido em dois grandes poderes: executivo e legislativo, com alguns desenvolvimentos a respeito do poder judiciário. Essa tripartição política de poder é apresentada por Montesquieu, em sua obra *O Espírito das Leis*.

Aqui nós temos grande parte dos franceses, com especial atenção

92 John Locke (1632-1704), filósofo inglês. Defendeu uma igual distribuição de poder entre o rei e o parlamento, pois o poder é concedido pela soberania nacional.

93 Charles-Louis de Secondat, baron de Montesquieu (1689-1755), filósofo e escritor francês. Escreveu *Cartas persas* (1721) e *O Espírito das Leis* (1748), suas obras mais conhecidas.

94 Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo e escritor francês. Escreveu *Do Contrato Social* (1762), e *Confissões* (1788), suas obras mais conhecidas e de maior impacto, tendo esta última caráter autobiográfico.

95 François-Marie Arouet, sob pseudônimo de Voltaire (1694-1778), escritor francês, escreveu inúmeras obras dos mais variados gêneros. Uma de suas obras mais importantes é *Cartas filosóficas* ou *Cartas inglesas* (1734).

96 Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), romancista, poeta e dramaturgo alemão. Fez sucesso internacional com *Os sofrimentos do Jovem Werther* (1774), romance; inúmeras são suas obras, sendo as mais famosas *Fausto* (1887), teatro; e *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1796), romance.

97 Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão. Autor de *Crítica da razão pura* (1781), sua principal obra.

98 Aristóteles, filósofo grego do século IV a.C, já havia proposto, anteriormente, a tripartição dos poderes em sua obra *A Política*. John Locke também traz alguns esboços sobre o tema. No entanto, é de Montesquieu o enfoque mais significativo, encontrado a partir de *O Espírito das Leis*, pois traz o modelo mais influenciador na organização dos Estados.

a esses dois de baixo que são ingleses (John Locke e Adam Smith⁹⁹). Principalmente Adam Smith, que cria a grande ideia do livre comércio, do liberalismo econômico, o que vai lançar no mundo ocidental as bases iniciais do capitalismo até a queda da Bolsa de Nova York em 1929. Eles influenciam, por exemplo, o documento chamado *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, feito em agosto de 1789, um mês depois de ser iniciada a grande Revolução Francesa.

Essas ideias iluministas estão presentes nessas transformações, nesses grandes ecos históricos como a Revolução dos Estados Unidos, a Revolução Industrial, a nossa Inconfidência Mineira, a Conjuração Baiana e a Revolução Francesa.

Esse é um curso que tive a vontade de dar como uma base introdutória. Tudo que passei para vocês é a primeira camada, o primeiro degrau de assuntos que podem ser aprofundados, pois são quase inesgotáveis. Cada uma dessas aulas poderia ser elas mesmas um curso, que poderiam engendrar ainda outros cursos. Na história, conseguimos aprofundar muito em quase cada tópico específico, principalmente quando o assunto está em discussão com a filosofia, sociologia, antropologia ou com a religiosidade. Eu quis trazer para vocês uma base introdutória, então tomem esse pequeno curso como um lampejo inicial para terem uma vontade de se aprofundar em outros temas. Vale a pena se aprofundar em cada um desses pontos sobre os quais tratamos. Foi muito bom tê-los aqui.

Deixo uma última mensagem do grande pensador Chesterton, pois acredito que todos, aqui nesse canal, que fazem parte dessa ideia criada por essa trindade dentro da Brasil Paralelo, está refletido nela: “Cada época é salva por um punhado de homens que têm a coragem de não serem atuais”. Acredito que vocês aqui, assim como todos que estão nos bastidores, para fazer acontecer essas nossas aulas, é tal como na frase. É um punhado de pessoas que não são atuais. Nós temos a vontade de ser o exemplo daquilo

99 Adam Smith (1723–1790), economista escocês. Principal teórico do liberalismo econômico.

que é um dos valores centrais: o compromisso com a verdade. Muito obrigado, e até o próximo curso.